

O QUE TE ASSOMBRA ANTES DE DORMIR?

CONTOS



ORGANIZADORA
KATIA APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA



O QUE TE ASSOMBRA ANTES DE DORMIR?

CONTOS



ORGANIZADORA
KATIA APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA



KATIA APARECIDA DA SILVA OLIVEIRA (ORG.)

O QUE TE ASSOMBRA ANTES DE DORMIR?

CONTOS

ALFENAS-MG

UNIFAL-MG

2020

© 2020 Direitos reservados aos autores. Direito de reprodução do livro é de acordo com a lei de Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

O que te assombra antes de Dormir?

Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/ebooks>



Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 Centro – Alfenas – Minas Gerais – Brasil
– CEP: 37.130-001

Reitor: Sandro Amadeu Cerveira

Vice-reitor: Alessandro Antonio Costa Pereira

Sistema de Bibliotecas da UNIFAL-MG / SIBI/UNIFAL-MG

Organizadora: Katia Aparecida da Silva Oliveira

Editores: Karina de Oliveira José e Maria Eduarda Savini Inês

Capa e contra-capas: Leonardo Augusto Ferreira Bastos

Ilustrações: Nycollas Gonçalves dos Santos

Revisão Textual: Maria Luiza Destro e Milena Favalli Simão

Apoio à editoração: Marlom César da Silva

Comunicação: Carolina Adriano Rodrigues e Fernanda de Carvalho Silva

Membros da comissão avaliadora do Concurso Literário O que te assombra antes de dormir?

Prof. Dr. Marcos de Carvalho

Prof. Ms. Jessica Frutuoso Mello

Prof. Dr. Eloésio Paulo

Prof. Ms. Jozyclécio Megda

Prof. Dra. Katia A. da S. Oliveira

Ana Beatriz Mamede F. de Araujo

Prof. Dra. Fernanda A. Ribeiro

Fabrcio José da Silva

Prof. Dra. Deborah W. de M. Castro

Fernanda de Carvalho Silva

Prof. Dra. Letícia Fernandes M. Diniz

Jéssica Aparecida Oliveira Freire

Prof. Ms. Jacqueline Lopes

Karina de Oliveira José

Prof. Ms. Gabrielly A. Araújo

Keila Ketlem Oliveira

Prof. Ms. Maria de Los Angeles de Castro

Mariane de Brito Paschoal

Ballesteros

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da
Universidade Federal de Alfenas Biblioteca Central –Campus Sede

Q3 O que te assombra antes de dormir?: Contos. / Katia Aparecida da Silva
Oliveira (Organizadora) – Alfenas-- MG : Editora Universidade Federal
de Alfenas, 2020.

191 f.: il. –

ISBN: 978-65-86489-21-7. (e-book)

Vários autores

Inclui Bibliografia.

1. Literatura brasileira - contos. I. Katia Aparecida da Silva Oliveira.
(org.). II. Título.

CDD- B869.3

Ficha Catalográfica elaborada por Marlom Cesar da Silva
Bibliotecário-Docimentalista CRB6/2735

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
O conto e o conto fantástico	8
Sugestões de obras com contos fantásticos para leitura	23
O complexo de Ana	25
Conto Antigo	51
O desejo de Ivan	54
Especial	74
Eu sigo a linha	84
Formalidades cotidianas	91
Frenesi	99
A mansão Collins	106
O mistério da velha casa no fim da rua	111
Os olhos escarlates	117
Ordinary night	128
Pesadelos de infância	131
Quem está me ouvindo?	143
Reflexo	151
A Régua	154

O sétimo filho	179
POSFÁCIO.....	185
Sobre os Petianos	187
Sobre a Tutora.....	190

APRESENTAÇÃO

Bruna dos Santos Caetano

Ana Beatriz Mamede F. de Araujo

Em 2019, o Programa de Educação Tutorial (PET) - Letras, da Universidade Federal de Alfenas, lançou seu primeiro *e-book*, fruto do “Primeiro Concurso Literário de Crônicas: Pedacos do Meu Canto”. O sucesso do projeto - e do *e-book* - somados com a satisfação de todos os envolvidos e de nossos queridos escritores, inspirou-nos a criar uma segunda edição do Concurso Literário.

Diferente da *crônica*, gênero escolhido para a nossa primeira edição, o gênero *conto* desperta mais criatividade nos participantes, pois o gênero que é definido como uma história curta, com um único conflito, além de contar com poucos personagens e tempo e espaço mais reduzidos, conta também com um enredo com apenas um clímax, acarretando maior uso da imaginação dos autores.

Decidiu-se, então, pela subcategoria de *fantástico* para apresentar situações inexplicáveis e

extraordinárias, que extrapolam os limites da realidade e da imaginação e nos transportar para um caminho de fantasia e possibilidades.

A temática “O que te assombra antes de dormir”, pretendendo estimular a criação de novas realidades, de dar voz aos pensamentos e inquietudes, de refletir sobre medos e temores, que estão guardados no lugar mais profundo do nosso ser e torná-los algo tão precioso quanto a literatura.

O que pode te assombrar antes de dormir? A morte? A estupidez humana? Elementos sobrenaturais? O fim do mundo? Situações do cotidiano que poderiam ter sido diferente? Doenças? Animais? A História? Não saber como agir e lidar com os pensamentos que vagam pela sua cabeça? Aquele "e se..." que fica em sua memória ao pensar o que poderia ter sido diferente no passado? Angústias existenciais?

Não sabemos a resposta dessa pergunta, nem temos a pretensão de respondê-la neste livro, apenas queremos mostrar que até os nossos pensamentos e anseios mais obscuros podem se tornar Literatura. E que podemos dar voz a esses medos que nos assombram e

saber como nos livrar deles - ou até mesmo transformá-los em arte.

Assim como no outro *e-book*, o processo de avaliação e de seleção de contos foi realizado por integrantes do grupo PET Letras da UNIFAL, por convidados e por professores do curso de Letras da UNIFAL, que aceitaram o convite para compor a comissão, responsabilizando-se pelos textos aprovados neste livro.

Nesta edição do concurso tivemos o prazer de receber contos de várias partes do país, o que contribuiu para o enriquecimento cultural do nosso livro. Alunos do Ensino Fundamental, graduados em Letras de diversas Universidades e graduados em diferentes cursos nos deram a oportunidade de lançar mais uma antologia literária. Esperamos que você, leitor(a), mergulhe nas histórias, encontre-se ou se perca em cada uma delas e que, acima de tudo, veja nos assombros os ecos e as ressonâncias da Literatura.

O conto e o conto fantástico

Fernanda Aparecida Ribeiro¹

Katia Aparecida da Silva Oliveira²

O que é um conto? Pode se perguntar o leitor que recebe em suas mãos uma obra desse tipo. A pergunta é simples, mas o conto, como gênero literário, não.

Em um primeiro momento, apresenta-se a ideia de que o conto é, ou deveria ser, breve por natureza. Essa brevidade é usada por muitos, inclusive, para diferenciá-lo dos romances ou das novelas, gêneros mais extensos se considerarmos o número de páginas. Edgar Allan Poe, um dos grandes contistas do século XIX, em um famoso texto intitulado *Filosofia da Composição*, comenta que

¹ Doutora em Letras. Professora de Literatura hispano-americana nos cursos de Letras da UNIFAL-MG. e-mail: fernanda.ribeiro@unifal-mg.edu.br

² Doutora em Letras. Professora de Literaturas da Espanha nos cursos de Letras da UNIFAL-MG. e-mail: katia.oliveira@unifal-mg.edu.br

Se alguma obra literária é longa demais para ser lida de uma assentada, devemos resignar-nos a dispensar o efeito imensamente importante que se deriva da unidade de impressão, pois, se se requerem duas assentadas, os negócios do mundo interferem e tudo o que se pareça com totalidade é imediatamente destruído. (POE, 2009, s/p)

A proposta de que o conto deveria ser lido “de uma sentada” é amplamente conhecida. O conto teria garantido seu efeito no leitor por essa experiência breve de leitura e as impressões únicas alcançadas seriam preservadas. Poder-se-ia dizer, assim, que “o conto costuma ferir a sensibilidade de golpe, uma vez que também costuma ser concebido subitamente, como em uma iluminação”³ (BAQUERO GOYANES, 1998, p. 138).

Porém, dizer que o conto é uma narrativa breve, é destacar uma importante característica desse texto literário, mas essa afirmação não dá conta da essência do gênero. O conto é breve em sua forma e gera um impacto no leitor exatamente por estar concentrado em uma narrativa

³ Texto original em espanhol: El cuento suele herir la sensibilidad de un golpe, puesto que también suele concebirse súbitamente, como en una iluminación. (tradução nossa)

curta, porém é mais que isso: é um gênero que nos arrebatava e nos toca em nossa mais profunda humanidade, associando-se, nesse sentido, aos traços estilísticos da lírica, pois se torna a expressão de esferas emocionais, experimentações e reflexões.

Nesse sentido, o conto pode ser entendido como uma prosa que se aproxima da poesia pela maneira como se apropria de diferentes temas. É provável que sua brevidade e concisão lhe confirmam esse predicado, mas o tema sobre o qual discorre e a forma como o aborda também contribuem para sua natureza poética. Um importante contista do século XX, Julio Cortázar, faz um comentário sobre esta questão

A gênese do conto e do poema é, contudo, a mesma, nasce de um repentino estranhamento, de um *deslocar-se* que altera o regime “normal” da consciência [...]. Minha experiência me diz que, de algum modo, um conto breve como os que procurei caracterizar não tem uma *estrutura de prosa*. Cada vez que me tocou revisar a tradução de uma de minhas narrativas (ou tentar a de outros autores, como alguma vez com Poe) senti até que ponto a eficácia e o *sentido* do conto dependiam desses valores que dão um caráter específico ao poema e também ao *jazz*. a tensão, o

ritmo, a pulsação interna, o imprevisto dentro de parâmetros pré-vistos, essa *liberdade fatal* que não admite alteração sem uma perda irreparável. Os contos dessa espécie incorporam-se como cicatrizes indelévels em todo leitor que os mereça: são criaturas vivas, organismos completos, ciclos fechados e respiram. Eles respiram, não o narrador, à semelhança dos poemas perduráveis e à diferença de toda prosa encaminhada para transmitir a respiração do narrador, para comunicá-la à maneira de um telefone de palavras. (CORTÁZAR, 2004, p. 234, grifo do autor)

À brevidade de sua forma se integra essa poética que dá vida ao conto, fazendo que a sua leitura seja registrada na memória dos leitores. A experiência de leitura proporcionada por essas narrativas curtas na forma e amplas em seu sentido é algo como um transborde. O conto transborda e vai além de sua forma, de suas palavras, revelando sentidos diversos.

Sobre sua origem, há teorias que consideram que essas narrativas teriam surgido a partir das histórias populares, das lendas e anedotas de tradição oral. O parentesco com as fábulas, especialmente com as Fábulas de Esopo, também é destacado, demonstrando uma complexa rede de influências que culminaram no que

conhecemos hoje como conto literário. A sua escrita teria acontecido em obras de diferentes épocas, embora muitas vezes sem a denominação de conto, tendo alcançado o auge no século XIX, quando vemos surgir grandes contistas como Edgar Allan Poe, Anton Tchekhov, Katherine Mansfield, Guy de Maupassant, Machado de Assis, Horacio Quiroga ou Eça de Queiroz, entre tantos outros.

Com esses grandes contistas foi possível notar uma popularização do gênero tanto entre escritores, como entre o público, e o desenvolvimento de diferentes técnicas narrativas. O conto começou a ocupar um espaço de relevo na literatura e desde então é um dos gêneros mais lidos entre diferentes públicos. No entanto, o fato de ter ganhado o interesse de autores e leitores de todo o mundo, fez com que o gênero fosse ganhando diversas possibilidades de realização, tornando cada vez mais difícil defini-lo.

Assumindo a difícil tarefa de explicar o que seria um conto, Cortázar disse:

[...] um conto em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita

dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também porque há tão poucos contos verdadeiramente grandes. (CORTÁZAR, 2004, p. 150)

Para Cortázar o conto é algo que sintetiza a vida na escrita literária. Sua leitura permitiria acessar essa vida, reconhecer algo de nosso na literatura, sentir um sopro de vitalidade que ecoa na alma. Para explicar melhor o que seria o conto, Cortázar o compara ao romance, que por contar com mais espaço físico - com mais páginas - , pode tratar de diferentes elementos da vida, da sociedade, da história. O conto, ao contrário, parte da ideia de limite e de economia de espaço, de páginas e de palavras para captar esse sopro de vida. Nesse sentido, o autor faz uma analogia entre romance e cinema, conto e fotografia:

Enquanto no cinema, como no romance, a captação dessa realidade é mais ampla e

multiforme é alcançada mediante o desenvolvimento de elementos parciais, acumulativos, que não excluem, por certo, uma síntese que dê o “clímax” da obra, numa fotografia ou num conto de grande qualidade se procede inversamente, isto é, o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (CORTÁZAR, 2004, p. 151)

Entender o conto como uma fotografia é uma forma de interpretar a natureza concisa do conto. A sua leitura seria, assim, como um vislumbre de uma realidade, um olhar sobre um tema que registra em palavras o que a fotografia registraria em imagem.

Existem contos que concentram o seu foco, como uma lente de câmera, no cotidiano, há outros que buscam registrar memórias, há outros, ainda, que representam mundos mágicos e outros, sobre os quais nos debruçamos aqui, que se inserem no fantástico. O Conto fantástico é aquele no qual um fenômeno sobrenatural

irrompe no universo natural das personagens, de modo a questionar a noção de realidade e as verdades absolutas.

O fantástico na literatura, segundo Todorov (2004), se desenvolve na Europa no século XIX, momento em que se vive a efervescência da ciência e da razão como explicação dos fenômenos naturais. A literatura fantástica surge como uma subversão, como uma forma de questionar toda essa valorização da razão, a própria noção de realidade e as verdades gerais e absolutas ao introduzir o fenômeno sobrenatural, inquirindo a ideia de realidade única e imutável. Em resumo, David Roas comenta que “em última instância, a literatura fantástica manifesta a validade relativa do conhecimento racional, iluminando uma zona do humano onde a razão está condenada a fracassar” (ROAS, 2014, p.33).

No texto literário considerado fantástico os acontecimentos sobrenaturais não surgem em um mundo transfigurado, mas em um universo familiar, considerado “normal”. O fenômeno sobrenatural pode ser tanto aquele considerado diferente do universo conhecido, como também aquele que se refere a elementos inexplicáveis à percepção

imediate ou, ainda, aos eventos desconhecidos por parte daquele que vivenciou a experiência do fato estranho. E a experiência de viver o insólito leva o personagem/narrador/leitor a viver a hesitação, uma das características marcantes e contraditórias do Fantástico. David Roas (2014) explica:

Assim, para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transtornará sua estabilidade. É por isso que o sobrenatural vai supor sempre uma ameaça à nossa realidade, que até esse momento acreditávamos governada por leis rigorosas e imutáveis. A narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural, mas não como evasão, e sim, muito pelo contrário, para interrogá-lo e fazê-lo perder a segurança diante do mundo real. (ROAS, 2014, p. 31)

O fantástico, assim, se encontra na incerteza criada diante de eventos que não poderiam chegar a ocorrer, segundo a nossa visão acerca do real. Nesse sentido, o fantástico é compreendido a partir de uma relação de determinados acontecimentos com a ideia do real. Explicando melhor, é possível dizer que o elemento

fantástico se constitui a partir de uma relação de si com a realidade. Assim, para Todorov, o fantástico depende dessa hesitação do leitor, já que "O fantástico implica, pois, uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados" (TODOROV, 2004: p. 37).

Isso, porém, se torna uma contradição, já que o leitor pode não ter a experiência da hesitação, anulando o sentido do Fantástico no texto. A hesitação tem que partir da explicação ou não do sobrenatural, ou, como destaca Soloviov:

No verdadeiro fantástico, guarda-se sempre a possibilidade exterior formal de uma explicação simples dos fenômenos, mas ao mesmo tempo essa explicação é completamente privada de probabilidade interna. Todos os detalhes particulares devem ter um caráter cotidiano, mas considerados em seu conjunto eles devem indicar outro tipo de causalidade. (SOLOVIOV, apud TOMACHEVSKI, 1978, p. 189).

O fantástico puro, esse no qual a hesitação não encontra uma resposta, é muito difícil de ser realizado. É

por isso que Todorov comenta que “O fantástico leva pois uma vida cheia de perigos, e pode se desvanecer a qualquer instante. Ele antes parece se localizar no limite de dois gêneros, o maravilhoso e o estranho, do que ser um gênero autônomo” (TODOROV, 2004, p. 48).

Assim, podemos pensar que quando o leitor opta por uma explicação lógica ou mágica para a hesitação do fantástico, o texto que lê acaba se inserindo em uma de duas categorias diferentes de relatos: o maravilhoso ou o estranho. Quando a explicação para o problema que causa a hesitação é explicada por um fenômeno mítico ou mágico, o texto passa a ser considerado maravilhoso (como no caso dos contos de fadas); mas se, ao contrário, esse relato recebe uma explicação científica ou lógica, por mais esdrúxula que seja, o relato se insere no que consideramos ser o estranho.

Porém, como diz Roas “[...] nem tudo está claro nessa divisão entre o fantástico e o maravilhoso, pois na literatura hispano-americana do século XX surgiu um tipo de narrativa que se situa a meio caminho entre ambos os

gêneros: o “realismo maravilhoso” (também chamado realismo mágico)” (ROAS, 2014, p. 35).

Na América Latina, a literatura fantástica se desenvolve no início do século XX, a partir dos contos de escritores como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar e Juan Rulfo, ganhando matizes distintas ao longo do século com autores como Gabriel García Márquez, Alejo Carpentier e Guimarães Rosa, cujas características podem ser encontradas na literatura atual com Isabel Allende, Laura Esquivel ou Roberto Bolaño, entre outros.

Conforme Chiampi (1980), o medo e a hesitação já não são pontos chaves para explicar o insólito nessas obras latino-americanas (que levam classificações diversas como real maravilhoso, realismo mágico ou realismo maravilhoso). A autora afirma que, em vez do estranhamento, há o encantamento como efeito psicológico; faz-se a incorporação do fato estranho na realidade cotidiana e já não se recorre a explicações de qualquer natureza, porque possuem “probabilidade interna” e não reivindicam o “deciframento” por parte do leitor. A relação

do realismo maravilhoso se faz entre “o efeito de encantamento (o discurso) e o relato” (CHIAMPI, 1980, p. 59).

Sobre o realismo-maravilhoso, Roas comenta que

[...] o “realismo maravilhoso” se distingue, por um lado, da literatura fantástica, já que não se produz o enfrentamento sempre problemático entre o real e o sobrenatural que define o fantástico e, por outro, da literatura maravilhosa, ao ambientar as histórias em um mundo cotidiano até em seus mínimos detalhes, o que implica um modo de expressão realista - por isso o termo “realismo maravilhoso”. Não se trata, portanto, de criar um mundo radicalmente diferente do mundo do leitor, como é o do maravilhoso, mas de que nessas narrações o irreal aparece como parte da realidade cotidiana, o que significa, em última instância, superar a oposição natural/sobrenatural sobre a qual se constrói o efeito fantástico. Seria possível dizer, em conclusão, que se trata de uma forma híbrida entre o fantástico e o maravilhoso. (ROAS, 2014, p. 37)

Nota-se que o olhar para o sobrenatural ou improvável vai se refletindo na literatura de maneiras diversas, seja no fantástico, no maravilhoso, no realismo-maravilhoso ou em outras formas narrativas, como, por

exemplo, na ficção científica ou no que chamamos hoje de literatura distópica, bastante popular nos últimos anos. Seria possível dizer que o ser humano busca algo mais na arte que a própria realidade: busca aquilo que não teria explicação, novas possibilidades de entendimento de si e do mundo, jogos de sentidos e a libertação de um mundo com dado.

O conto não é o único gênero que se apropria do fantástico, porém, por sua brevidade e concisão é um dos poucos onde o sentido fantástico se realiza plenamente. O efeito ou impacto que gera no leitor permite que vivencie o sobrenatural e hesite sobre sua materialização ou não na realidade que conhece. E é isso que faz com que leitores e escritores se sintam atraídos, mesmo com o passar dos anos, por esse tipo de histórias.

Referências

BAQUERO GOYANES, Mariano. Qué es la novela, qué es el cuento. Murcia: Servicio de publicaciones de la Universidad de Murcia, 1998.

CHIAMPI, Irlemar. O Realismo Maravilhoso. Forma e Ideologia no Romance Hispano-americano. São Paulo: Perspectiva, 1980.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: _____. Valise de Cronópio. Trad. Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 147-163.

CORTÁZAR, Julio. Do conto breve e seus arredores. In: _____. Valise de Cronópio. Trad. Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 227-237.

POE, Edgar Allan. Filosofia da Composição. In: _____. Poemas e ensaios. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 2009. (ebook)

ROAS, David. A ameaça do fantástico. In: _____. A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 29-74.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TOMACHEVSKI, Boris et al. Teoria da literatura - formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1978.

Sugestões de obras com contos fantásticos para leitura

Antes das primeiras estórias, João Guimarães Rosa

Antologia de literatura fantástica, Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares e Silvina Ocampo, entre outros autores.

Assassinatos na Rua Morgue e Outras Histórias, Edgar Allan Poe

Azul cobalto, Maria Teresa Horta

Bestiário, Julio Cortázar

Chamadas telefônicas, Roberto Bolaño

Contos, Anton Tchekhov

Contos de amor de loucura e de morte, Horacio Quiroga

Contos fantásticos - Horla e outras histórias, Guy de Maupassant

Contos fantásticos do século XIX, reunidos por Italo Calvino

Contos reunidos, Murilo Rubião

Deixe o quarto como está, Lygia Fagundes Telles

Exceções e Outros Contos Fantásticos, David Roas

Ficções, de Jorge Luis Borges

Histórias de fantasmas, de Charles Dickens

Histórias fantásticas, Adolfo Bioy Casares

Lendas, Gustavo Adolfo Bécquer

Melhores contos, J. J. Veiga

Os melhores contos de H.P. Lovecraft, H.P. Lovecraft

Os melhores contos fantásticos, organizado por Flávio
Moreira da Costa

Primeiras estórias, João Guimarães Rosa

O complexo de Ana⁴

1

Na Baixada Fluminense, interior do Rio de Janeiro, a cidade de Nova Iguaçu diminui gradativamente sua frequência. Na casa amarela coberta por flores, o silêncio é caloroso e confortável, assim como tomar café à tarde, nos dias frios. O suor percorre as curvas de Ana, cujas movimentações inquietas não permitem que a garota atinja a profundidade de seu sono. As hélices do ventilador rangem despreocupadamente. Elas são o único barulho existente no quarto, até que se ouve um pequeno solavanco na porta, que bate fazendo um pequeno estrondo ecoar no

⁴ Maria Eduarda Arnaudin Esteves Santos, nasceu 15 de janeiro de 1999 (20 anos) em Nova Iguaçu, baixada fluminense do Rio de Janeiro. É estudante de Letras Português/Inglês/ Literaturas na UFRRJ, mais conhecida como Rural. Possui fluência em língua inglesa, nível básico em língua espanhola e em língua brasileira de sinais. Coleciona uma grande paixão por literatura e línguas. Fez curso de extensão em ficção científica, temática na qual possui um grande fascínio, e gosta bastante de narrações com viagens no tempo, paradoxos temporais e sem linearidade. Já participou de oficinas sobre Contos de Fadas e nutriu um amor pelo tema desde a infância. Tem interesse na área de estudos relacionados a literatura brasileira. Gosta de escrever textos, contos e possui uma coleção de poemas.

cômodo. Ana se assusta, mas continua deitada, com preguiça de abrir os olhos. Vira-se para um lado, vira-se para o outro, mas algo a incomoda. Além do calor fervente no cômodo, há também uma claridade. Ana abre os olhos, percebe que as luzes foram acesas, vira-se para o lado e, com as mãos no rosto, tenta se proteger do clarão. Sem sucesso algum, a menina olha a cabeceira, procura seus óculos, estica as mãos e começa a apalpar os objetos presentes: há uma luminária verde, o celular descarregado e um livro grosso. Mais nada. A jovem procura no chão e olha de relance para todos os cantos do quarto branco totalmente organizado. Não há o menor sinal dos óculos.

– Eles estavam aqui – pensa Ana ao observar o criado mudo.

A menina se levanta da cama e, com os pés descalços, abre a porta do quarto. O silêncio é gritante, a escuridão silenciosa, e não há ninguém que pudesse ter ligado as luzes. Subindo o corredor, a porta do quarto dos pais se mantinha fechada. A menina segue em frente, sentindo o calor do piso nos seus pés, assustada por ser

apenas um pedaço de vida no meio da obscuridade. Ao chegar à porta, ouviu os roncos que vinham de dentro do quarto e concluiu que pelo menos um de seus pais dormia. Girou a maçaneta levemente, para a esquerda, e afastou a porta com cuidado, para não provocar ruído algum. O ronco de ambos e a algazarra do ventilador eram os únicos barulhos. O quarto estava escuro, mas, ainda assim, era possível visualizar algumas formas, devido aos feixes de luz que entravam pela janela sem cortina. O casal de meia-idade dormia abraçado, serenamente, em uma grande cama aparentemente confortável. Em frente a esta, no entanto, havia algo completamente horripilante. Uma figura com traços humanos, totalmente embaçada, que observava, com atenção, os pais de Ana dormirem. Por estar sem os óculos, a menina não conseguia enxergar, com muitos detalhes, a assombração que espiava seus pais, mas de uma coisa tinha absoluta certeza: era um morto-vivo assustador. O medo tomou conta de cada centímetro do corpo de Ana, o pânico dominou todas as gotas de sangue da menina, e o ar simplesmente parou de circular dentro dos pulmões da jovem. O corpo dela ficou completamente paralisado, e, nos

segundos de desespero, Ana somente conseguiu gritar para que seus pais acordassem.

O barulho dominante era a falação entre Joana e Marcos. O cheiro de café e de pão se estendia pela casa e fazia a barriga de qualquer um roncar. O vizinho da frente ouvia música alta enquanto limpava a sua casa. A vizinha do lado esquerdo, mãe de três filhos, pedia, de forma escandalosa, que suas crianças parassem de correr pela casa. O vizinho do lado direito, dentista, havia ido ao trabalho, mas os seus sete cachorros latiam desesperadamente. Os carros buzonavam nas ruas, e alguns motoristas compravam mercadorias de vendedores ambulantes que esgoelavam propagandas. Os trens, que não ficavam muito longe dali, apitavam a cada 30 minutos avisando a chegada ou a saída dos moradores da cidade. Nova Iguaçu estava acordada, e, assim, um pouco mais atrasada que a cidade, Ana abria seus olhos; bocejando, despertava aos poucos.

O cenário era curioso: a televisão desligada presa à parede; embaixo, um grande móvel coberto por porta-retratos que expunham as diversas fases da vida da família; e um tapete no centro da sala, cuja serventia era orientar as posições do sofá e das poltronas que circulavam em volta. Ana se endireitou nos travesseiros e se questionou:

– Como vim parar aqui?! Eu dormi no meu quarto.

– Bom dia, filha! Passou muito calor nesta noite? Seu pai e eu estamos nos programando para comprar um ar-condicionado para a casa – Joana sorriu e continuou rapidamente – Ninguém merece ficar sofrendo com esse calorão!

2

– Eu juro a você. Um demônio beijou na minha boca enquanto eu dormia – afirmou Caio, levemente irritado, erguendo as sobrancelhas.

- Eu não vou cair nessa mentira, Caio - Ana sorria debochadamente - tive um pesadelo e, de alguma forma, acordei na sala. A minha história é verídica. Isso aí de acordar sendo beijado por demônio não é de verdade não. É bobeira.

- Eu não estou mentindo.

- Está bem. Como o demônio era?

- Eu não o vi. Estava tudo escuro - disse Caio um pouco envergonhado.

Ana não acreditava no que Caio dizia, pois o garoto sempre foi dado a brincadeiras. Ela o conhecia desde muito nova, e a personalidade dele era bem arteira. Naquele dia em especial, os dois estavam na sorveteria, juntos, planejando como seria a comemoração dos cinco anos de namoro. Inicialmente, os dois, que eram estudantes do Ensino Médio com espinhas no rosto, evoluíram para um casal universitário que sobreviveu, com uma grande vitória, a puberdade. Os cabelos de Ana eram formados por um grande *Black Power* castanho, feito por fios crespos que combinavam com os castanhos e ovais olhos da moça. O

rosto era redondo como uma lua cheia; o nariz, levemente achatado; os lábios, carnudos e desenhados. Nas bochechas da menina, havia duas pequenas covinhas que lhe proporcionavam uma exuberante graça. A pele da jovem era banhada de cor negra, que reforçava mais ainda os seus encantos. A reunião de todos esses traços corroborava para que Ana tivesse uma grande beleza.

Caio era extremamente alto. Os cabelos do garoto, que eram lisos, sedosos e pretos, batiam na altura dos ombros. O tom de pele era mameluco, como se fosse um verão indiano; os olhos, castanhos e mansos; o nariz, arrebitado, feito com uma grande delicadeza. Por fim, a boca, desenhada e vermelha, fazia de Caio uma beleza sedutora.

– Você acredita que meus óculos sumiram? Eu não consigo achá-los em lugar nenhum! – murmurou Ana, desapontada – Procurei em cada canto da minha casa e vasculhei meu quarto severamente. Ele simplesmente sumiu. É curioso que, antes de dormir, eu os coloquei na cabeceira da cama...

– Você acordou na sala – Caio disse firmemente, cortando a fala de Ana.

– E eu não sei como fui parar lá.

– Talvez você seja sonâmbula.

– Desculpe incomodar os dois. Posso conversar com você, Ana? – perguntou uma senhora idosa que tinha o rosto enrugado e olhos castanhos os quais pareciam saber todos os fatos do mundo. A coloração preta contornava sua pele, ao passo que os seus cabelos brancos e crespos pareciam nuvens acima de sua cabeça. A postura era corcunda, como se carregasse, nas costas, toda a experiência a que havia sido exposta durante toda a sua vida — Meu nome é Ana Conceição, eu sou a sua avó biológica.

– Oi. Érr... eu acho que não posso conversar com você sem antes pedir a permissão dos meus pais. É um prazer conhecê-la, mas acho que eles ficariam chateados – disse Ana, completamente nervosa, sem saber como deveria

se comportar – acho que podemos deixar o nosso encontro para outro dia. Quer deixar seu telefone comigo?

A idosa assentiu com a cabeça, mas, sem cerimônia alguma, sentou-se à mesa junto ao casal. Caio, extremamente sem graça, abaixou a cabeça e ficou decidindo se continuaria ali para proteger sua namorada ou se levantava e concedia a privacidade de que ambas precisavam. Ana, extremamente desesperada, queria correr dali, mas, ao mesmo tempo, sentia uma gigantesca simpatia pela idosa e por finalmente conhecer algum parente biológico.

– Estou muito feliz por conhecer você, minha netinha – Ana Conceição iniciou seu discurso calmamente – eu não queria que nós duas nos conhecêssemos em uma situação como esta, mas contar a história... é tudo que posso fazer por você agora. Minha bisavó Francisca, sua tetravó, era escrava e trabalhava em uma fazenda não muito distante daqui. Na época, ela não queria ter filhos, porque achava injusto o fato de uma criança nascer para trabalhar. Acabou se apaixonando por Benedito, meu bisavô e seu

tetravô, e os dois se casaram. Ambos eram escravos na fazenda e não tinham filhos. O tempo foi passando e Isabel, mulher branca casada com o dono da fazenda, o seu Pedro, perguntou a minha bisavó Francisca o motivo de ela não ter um menino ainda. Quando a *bisa* explicou, Dona Isabel disse que, se eles tivessem um filho, iria deixar a criança ser livre. O *biso* Benedito ficou todo arrepiado, e logo a *bisa* ficou embuchada. Passaram-se nove meses, e nasceu a minha avó, a Antônia. Ela foi criada livremente; chegou até a aprender a ler e a escrever. Tônia era muito bonita e graciosa, estava sempre com um livro nos braços. Conforme crescia, mais formosa ficava, até que José, filho da Dona Isabel e do Seu Pedro, ficou apaixonado por ela. Ele queria se casar com a menina e ter filhos. Quando os pais dele descobriram, desesperaram-se. Tudo piorou quando souberam que ela estava grávida. A vó Antônia teve que fugir com o vô José, mas, ainda assim, pegaram-nos. Ninguém sabe, até hoje, o que aconteceu ao certo. Tônia foi mantida em cativeiro até que o bebê nascesse... e era a minha mãe! Quando viram que o bebê era uma menina preta, Dona Isabel e Seu Pedro tiveram um troço. Sumiram

com a Antônia de um jeito que ninguém sabe, até hoje, o que aconteceu. Meu avô José, quando soube, se matou. O casal dono da fazenda ficou possuído por tanto ódio que amaldiçoou a criança e as próximas gerações. É o “complexo de Ana”. Desde a geração da minha mãe, todas nós só tivemos filhas mulheres, fomos nomeadas “Ana” e passamos a viver situações sobrenaturais inexplicáveis. A minha mãe, que é sua bisavó e que foi a primeira Ana amaldiçoada, passou a vida inteira vendo uma criança e um gato. Em todos os lugares, ela os via – disse Ana Conceição, pausando, pela primeira vez, para respirar.

– Certo dia, ela foi trabalhar como empregada doméstica na casa de uma senhora em Botafogo. Quando chegou lá, viu a criança e o gato, mas, desta vez, não era coisa de sua cabeça: eles eram de verdade. A minha mãe não sabia como, mas, durante a faxina, esqueceu de secar o chão que tinha lavado. Estava cheio de poças d’água. Um fio, que ela também não sabe como surgiu, caiu na água e, quando a criança foi brincar com o gato, foi eletrocutada. Os dois morreram, e a minha mãe teve que fugir. Ela encontrou

uma cigana, a qual disse que tudo isso era o complexo de Ana...

– O que é complexo de Ana? – Caio perguntou. Ele e Ana estavam de olhos arregalados, atentos à história, tentando entender a que ponto a velha Ana Conceição queria chegar.

– A minha mãe passou sua vida inteira vendo o gato e a criança que ela mataria acidentalmente. Depois disso, começou a ver um homem dentro de sua casa. Via o homem o tempo todo, em todos os lugares: sentado no sofá, encostado na parede da cozinha, do lado da cama, no quarto. Isso aconteceu durante muitos anos, até que, certo dia, ela o encontrou de verdade. O homem a estuprou, e ela ficou grávida de mim. Quando nasci, minha mãe decidiu que eu me chamaria Conceição e, na hora de me registrar, deu esse nome, mas, no papel, aparecia Ana Conceição. Ela reclamou e reclamou, mas eles disseram que minha mãe tinha escolhido esse nome; que ela tinha falado isso. A minha mãe jura que não. Entenderam o complexo? – perguntou Ana Conceição.

- Desculpa, mas eu não entendi - respondeu Ana.

- O começo é o fim, o fim é o começo. Essas coisas sempre aconteceram na vida da minha mãe, e ela voltou à cigana, que explicou tudo e lhe deu este cordão aqui - a idosa apontou para um cordão de ouro com um pequeno pingente vermelho, que tinha a forma de uma fênix - Minha mãe começou a usar este cordão e parou de ver as coisas, até que, um dia, ela começou a sonhar com fogo. Às vezes, acordava gritando, porque sentia seu corpo queimar, e, depois de anos, morreu queimada. Eu acabei ficando com o colar dela, mas agora quero dar de presente a você... para que se proteja.

- Já aconteceu alguma coisa com você ou com a sua filha? - Caio perguntou a Ana Conceição. A esta altura da conversa, ele já tinha até se esquecido de que a Ana não sabia nada a respeito de mãe biológica e de que o assunto poderia ser delicado.

- Acho que já chega de história de terror por hoje - continuou Ana, que estava irritada.

- Eu passei a vida inteira vendo como minha filha ia morrer. Antes mesmo de ela nascer, eu já tinha visões. Eu a via ensanguentada, correndo e chorando, até que subia uma passarela e se jogava contra os carros. Virei uma mãe superprotetora por conta disso, e, assim, minha filha não me aguentou - a idosa respondeu à pergunta de Caio e virou o rosto para Ana - Ela sumiu e parou de falar comigo. Eu não sabia nada a respeito dela, e as minhas visões aumentavam todos os dias. Só soube da sua mãe um ano depois de ela ter ido embora. Ela estava morta. Não sabia nem que tinha neta. Fiquei sabendo agora, pois vejo sua figura na minha casa todos os dias e, uma vez, em um sonho, eu descobri o que aconteceu.

Ana se levantou furiosa, saiu da sorveteria, atravessou a rua e foi andando impacientemente até chegar a sua casa. Quando finalmente chegou, trancou-se no quarto. Não quis sair para nenhum lugar. Chorou litros de lágrimas por ter certeza de duas coisas: sua mãe biológica tinha se suicidado e sua avó biológica era completamente doida. Naquela noite, Ana não quis responder às mensagens

do seu namorado, jantar com os pais, ver a série favorita ou até mesmo estudar os conteúdos pendentes. Ana se deitou e ficou toda encolhida, na cama, esperando o sono chegar; assim que este chegou, envolveu a menina por completo, fazendo com que ela se rendesse serenamente aos braços de Morfeu.

3

Um vazio totalmente sorumbático se desfez pouco a pouco com o surgimento de sensações. Existia uma mistura de cheiros e barulhos que não podiam ser definidos, pois não se assemelhavam a absolutamente nada que Ana já havia experimentado na vida. Ao abrir a boca para se comunicar, a menina expressou um barulho estridente e, em seguida, caiu no choro. Sentiu um par de mãos firmes puxar e segurar as mãos dela. Havia uma mulher que chorava enquanto olhava fixamente os olhos da jovem. Ana demorou muito a entender que não possuía o corpo físico de agora, mas o corpo de um bebê. Ela havia acabado de ser colocada no mundo e simplesmente não entendia como aquilo era

possível. Tentou olhar ao redor, mas não conseguiu. Sonolenta, fechou os olhos e dormiu tranquilamente.

Não se sabe quanto tempo depois, a menina acordou sendo encarada por uma mulher aos prantos. Ana a reconheceu: era a sua mãe biológica. O corpo da mulher estava coberto de sangue, e ela chorava histericamente, dizendo, várias vezes consecutivas, isto: “Eu já vi o que vai acontecer com você se ficar comigo”. Em seguida, beijou Ana, que estava presa ao corpo de um bebê; virando as costas, deixou a menina sozinha.

Ana acordou assustada com o pesadelo e, sem conseguir respirar, sentou-se na cama e procurou fôlego. Ela respirou e inspirou com lágrimas escorrendo de seus olhos, até que simplesmente foi interrompida por uma voz:

– Você não me deixou terminar a história – disse Ana Conceição, e Ana deu um grito para expressar o susto que levou.

– Como você entrou aqui? O que está acontecendo? – Ana disse amedrontada.

- Eu e sua mãe brigávamos muito, porque eu era extremamente protetora. Não deixava que ela fizesse nada. Decidi que o nome de sua mãe seria Celeste e a registrei assim, mas, quando peguei os papéis, tive a mesma surpresa que minha mãe: Ana Celeste. Era o que dizia a certidão. Eu passei a vida toda vendo como ela iria morrer e tinha muito medo disso. Não permitia que ela fosse a nenhum lugar... até que ela sumiu. Procurei durante meses e nada! As minhas visões aumentaram, eu a via constantemente. Um dia, quando o telefone tocou, ela já tinha cometido o suicídio, e eu tive que reconhecer o corpo. Foi a coisa mais triste da minha vida. Eu fiquei mal e entrei em depressão profunda, mas me sentia aliviada por saber que o complexo não seria transmitido a mais ninguém. Passaram-se muitos anos, e eu só soube o que aconteceu nesta semana. Só agora soube da sua existência - a velha respirou fundo e continuou - Sua mãe fugiu de casa porque teve medo de mim, medo de que eu descobrisse a gravidez. Assim como aconteceu comigo, ela começou a ver como a própria filha iria morrer. Ela se desesperou tanto que te

abandonou no dia em que nasceu. Em seguida... ela se matou.

Agora, a expressão do rosto de Ana Conceição era diferente. Era possível ver, pelos olhos, toda a tristeza que existia em sua alma, assim como todas as dores. Era uma mãe sofrendo a perda de uma filha. Não era uma dor fácil. Ana entendeu os sentimentos da avó e percebeu que poderia ser mais empática, mesmo que toda a história parecesse um surto da cabeça da idosa.

– Você sabe quem é meu pai?

– Não... – Ana Conceição respirou e disse – seu nome é Ana, assim como suas ancestrais. Você vai passar por aquilo que nós passamos e precisa ficar com isto aqui para se manter protegida – e a avó mostrou, novamente, o colar. Ela seguiu em direção à neta e colocou o objeto em volta do pescoço da menina – Tome, minha neta. Que as nossas ancestrais te protejam e que sua mãe não tenha morrido em vão. Cuide-se. Eu a amo.

Ao acordar, pela segunda noite consecutiva, na sala, Ana se questionou: “Como vim parar aqui? Eu dormi no meu quarto!”. No mesmo momento, a menina sentiu algo pinicar sua garganta, arregalou os olhos e percebeu que, em volta do pescoço, estava o colar de ouro com uma fênix vermelha de pingente.

Ana se levantou do sofá e foi à cozinha, onde seus pais conversavam. O pai estava em frente ao fogão, fazendo almoço, e a mãe colocava os pratos e talheres na mesa. Os dois faziam suas tarefas e conversavam sobre os planos do feriado, até que foram interrompidos por Ana:

– Por que vocês me deram o nome de Ana?

– Crise de identidade? – a mãe sorriu.

– Nós iríamos colocar Mariana, mas as pessoas que trabalhavam naquele dia ouviram errado o que eu disse e a registraram como Ana. É um nome lindo, então não ligamos – disse o pai – inclusive, bonito o seu colar!

– Obrigada – Ana disse em um tom seco.

- Quer nos falar alguma coisa, filha? -
perguntou a mãe.

- Não, está tudo bem - Ana respirou fundo e se sentou à mesa - Eu os amo.

O almoço foi extremamente agradável, e Ana se esqueceu dos problemas atuais. Conversou com os pais sobre a faculdade e sobre o aniversário de namoro com o Caio; ela até mesmo pediu que eles comprassem óculos novos. Tudo ia bem, até que a menina olhou, de relance, a janela e percebeu que uma mulher espiava a conversa. Ana, assustada, reparou que essa mulher parecia absurdamente com quem ela tinha sonhado ser a sua mãe biológica. A menina pensou: "Preciso contar aos meus pais. Já estou ficando louca igual a minha vovó ficou". Em seguida, assustou-se por pensar em Ana Conceição como avó.

No final do almoço, quando os pais combinaram que todos iriam comer fora à noite, em um restaurante, Ana ficou animada e planejou quais roupas iria usar. O dia passou devagar e, em alguns momentos, a menina sentiu

que estava sendo observada, mas ignorou completamente a ideia.

– Estou “maluca beleza” – disse.

4

Mais tarde, Ana se arrumou para sair com a família. A menina calçava sandálias amarelas e vestia um vestido simples, que, por ser longo e preto, era muito bonito. No pescoço, o colar que surgiu após os dois sonhos, os quais existiam um dentro do outro. Embora estivesse preocupada, Ana sorriu de excitação ao ver seus pais. Eles estavam bem-vestidos e alegres. A família entrou no carro, ligou o som e colocou uma música de agrado geral. O ar-condicionado estava ligado, a conversa não parava. O pai seguia a estrada como de costume, e tudo parecia perfeito, mas, infelizmente, a maré de azar na vida de Ana tinha vindo para ficar.

O carro, que seguia em linha reta, saiu completamente da pista, e tudo foi tão rápido que Ana só deu conta de si quando viu uma multidão inteira em volta,

observando-a curiosamente. Ana tentou perguntar sobre seus pais, mas não conseguia. A vista embaçada por conta da miopia e do nervosismo não permitia que ela enxergasse perfeitamente os rostos na multidão, mas havia uma pessoa, em particular, que a menina era capaz de reconhecer: uma mulher muito parecida com ela mesma. A mulher parecia ser a figura que a tinha observado pela janela da cozinha, no almoço com os pais; que tinha aparecido no sonho e a dado à luz; e, por fim, era a figura que observava seus pais dormirem.

– É a minha mãe biológica – a menina pensou e sentiu o pânico tomar conta de seu corpo.

À medida que o tempo passava, ela percebia que a figura a olhava com espanto, do mesmo modo como ela retribuía o olhar. Ana foi ficando mais fraca, cada vez mais fraca, até que tudo ficou silencioso e escuro. Quando percebeu, ela estava em pé, no meio da multidão, sem compreender como tinha parado ali.

A jovem respirou fundo e, quando olhou aquilo que todos viam, congelou completamente: era ela mesma,

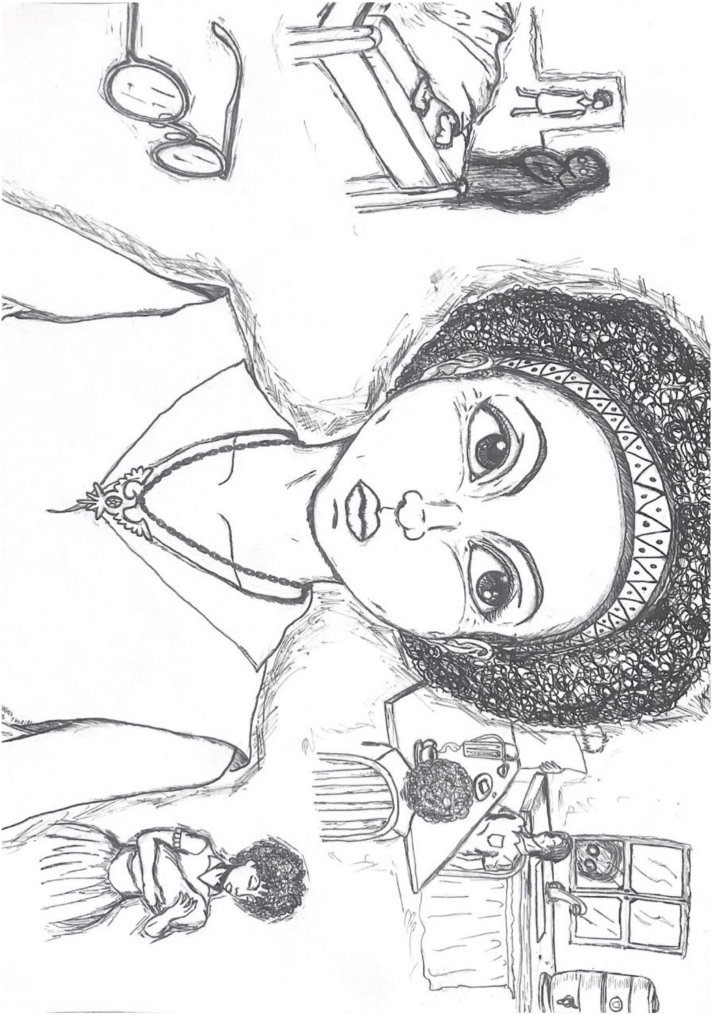
que estava deitada no chão, com o corpo todo lesionado, cheia de machucados abertos e ensanguentados. Totalmente imóvel e em choque, Ana respirou, já que não conseguia entender como poderia ver o seu corpo atirado no chão, mas com vida. Assim que pensou nisso, os seus olhos, que fitavam o chão, fecharam-se. Ana, que estava em pé assistindo àquela cena, sentiu o próprio corpo ser sugado.

Estava parada em frente a uma casa amarela coberta por flores. Era a sua casa. Ouviu um falatório, que a deixou assustada, e, quando conseguiu se mexer, olhou pela janela da cozinha e viu Ana, ela mesma, almoçando com os pais. O desespero foi tanto que a menina correu e correu até parar em um lugar completamente escuro e irreconhecível. Ela fechou os olhos e colocou a mão no colar. Respirou. Respirou. Respirou. Quando abriu os olhos, viu Caio dormindo tranquilamente. Ana sentiu seu coração palpitar ao ver que seu namorado estava seguro e tranquilo, por isso decidiu que daria um beijo nos lábios do amor de sua vida. Assim que o fez, Caio despertou calmamente, mas Ana,

quando ia se comunicar, sentiu, mais uma vez, seu corpo ser sugado.

Ao parar em um cenário, a menina demorou alguns segundos para reconhecê-lo: era a parte de dentro de sua casa. Tudo estava escuro. Ela resolveu entrar em seu próprio quarto, acendeu a luz e viu seus óculos em cima da cabeceira. Imediatamente, pegou os óculos e os colocou no rosto. Conseguia ver tudo com clareza. Ao passar os olhos pelo quarto, percebeu que ela mesma dormia ali, inquieta e com muito calor. Ana respirou fundo, saiu do cômodo e, sem querer, deixou a porta bater. Andou em direção ao quarto dos seus pais, que estavam dormindo tranquilamente. O medo de não os ver nunca mais fez com que Ana ficasse gélida e imóvel diante da figura deles. Ambos roncavam, o ventilador rangia calmamente. O quarto era escuro, mas pequenos feixes de luz iluminavam seus pais. Ana se sentiu grata por todo o amor que recebeu durante a vida e, naquele momento, percebeu que poderia passar toda a eternidade observando sua família, mas foi interrompida pela porta, que foi calmamente aberta. Sua figura sonolenta, sem

óculos, observava-a em choque. O silêncio era quase inquebrável, até que Ana, cuja porta acabara de abrir, observa seu próprio fantasma e, sem se reconhecer, dá um grito ensurdecedor.



Conto Antigo⁵

Duas longas linhas se formaram no céu. De lá dois grandes círculos surgiram, observaram. No inspirar dos pulmões, Deus bufou, e os ventos do paraíso caíram sobre a terra e tudo balançou – as árvores, os mares e as construções. E naquele suspiro estava contida a contestação divina. Os animais saíram de suas guaridas e tomaram as cidades. As fortes raízes quebraram os concretos. Os palácios cederam aos ventos e a natureza avançou.

O mar expandiu em uma grande explosão e com sua correnteza tudo levou.

As pessoas que espiavam os “grandes olhos”, por consequência, enlouqueciam. Filas se formavam até as profundezas do mar. O chão tremeu, fumaças saíram de suas fissuras e tudo em um breu se tornou.

⁵ Thiago Hendrick Oliveira de Souza é natural de Itapira e nasceu em 03 de julho de 1999. Possui o ensino médio concluído.

Não há mais vida que habita abaixo do céu, nada mais vive fora das poucas construções restantes. O ar agora é negro e fatal! Muitas são as criaturas que me despertam inveja por se aventurar fora dos abrigos, poucas (muito poucas) são as que sobrevivem mais que um dia.

Eles ainda continuam no céu, espreitando até o último suspiro de vida. Me sinto sendo observado. Escrevo isto sabendo que minha sepultura será o próprio chão que agora descanso; minha mortalha, este cobertor que me protege dos gases que entram pelas aberturas deste meu esconderijo mal sucedido. Mas algo pior que a morte me faz estremecer. O relinchar de cavalos e seus passos, seguidos de gritos insondáveis me fazem desejar a morte, mesmo não tendo coragem para alcançá-la por mim mesmo.

Há alguma coisa pior que a destruição caminhando lá fora. A semi construção range a todo momento, me lembrando que estou em perigo constante. Minha lucidez nunca esteve tão lúcida. Continuo sem resposta para o espectador no céu.

Desejo que outras pessoas tenham conseguido se manter vivas - para que possamos sair de nossas grutas e reconstruir o mundo.

Mas minha solidão, fome e falta de sono me fazem confessar que esse meu desejo possivelmente não tem nada a ver com fé de reconstruir um novo mundo, e sim com minha salvação individual. Talvez eu viva. Talvez as criaturas lá fora não estejam procurando por mim. Talvez as criaturas nem saibam que eu estou aqui.

Aos que leem esta minha carta, saibam que vivi toda minha vida de forma pacífica, porém entendam que agora sou uma completa desorganização de pensamentos. E se em algum momento meus pensamentos atentaram contra os bons princípios, saibam que foram aqueles malditos olhos no céu que me forçaram a pensar desta forma.

É inconcebível a mim que Deus tenha nos punido desta forma.

Os sons começaram a se tornar cada vez mais constantes e próximos. Meu corpo não consegue mais tremular por medo de tão fraco que me encontro, sinto que cheguei ao meu limite. Irei dormir sabendo que quando chegar no momento do meu despertar não mais existirei.

O desejo de Ivan⁶

Quando descobrimos o corpo de Ivan, meu irmão, ele estava totalmente nu, recostado sobre as raízes de uma árvore antiga. Tinha 30 anos de existência. Seus lábios estavam tão vermelhos que pareciam sangrar e, com algumas formigas passeando pelos dedos, a mão esquerda

⁶ Régis nasceu em Passos, Minas Gerais, no dia 23 de agosto de 1990. A sua curiosidade por literatura e línguas começou na infância, quando suas frequentes visitas à biblioteca da cidade resultaram em crescente fascínio pelos livros. Depois de aprender inglês com sua mãe, ele começou a flertar com a ideia de se profissionalizar na área de Letras. De fato, isso o levou a concluir duas graduações, em Espanhol e Português, ambas pela UNIFAL-MG, tendo como foco os estudos literários. Durante seus estudos, Régis também trabalhou como professor, ensinando estes três idiomas, o que eventualmente lhe abriu portas para o ensino de Português e Espanhol a falantes de língua inglesa. Hoje, ele trabalha, em tempo integral, como tradutor e revisor de textos, recentemente colaborando com a revisão de um livro de contos intitulado "O silêncio de Cassandra".

segurava um refinado cálice de prata. Perto de mim, meu pai dizia palavras desconexas, estraçalhado pela angústia. Fiquei mudo, observando o crepúsculo estrangular o céu.

Eu me lembro que os dias anteriores foram intensos. As noites também. Trabalhávamos até o entardecer, cuidando dos animais e das plantas em nossa pequena propriedade. Nossa, não. Na propriedade do nosso pai, que cedo nos inseriu nas atividades da roça e nos alertou de nossos deveres para com ele. A terra era dele e nós éramos seus olhos e braços. Vivíamos calados durante o dia, trocando monossílabos sobre vacas, galinhas, alfaces. Sobre a cerca de madeira que, sem explicação, amanheceu quebrada. Ou sobre a telha envelhecida que se desprendera do telhado. Palavras secas, lançadas ao ar numa cusparada ríspida.

Ainda imaturo, eu apenas seguia os passos de Ivan: falava como ele falava, imitando seus trejeitos, suas rudes interjeições, enquanto a sombra de nosso pai se fazia presente em nossas ações e nos pensamentos que as precediam. Meu irmão, ao contrário de mim, sabia a direção em que ia. Até que a perdeu.

Nas últimas noites, esgotados após o trabalho na roça, costumávamos andar à beira do lago. Molhávamos as faces e o frescor nos percorria os poros. Lembro que, numa dessas noites, eu contemplava o reflexo da lua sobre a poça que se formara entre as pedras. Em minha ingenuidade, acho que até agradei a Deus pela beleza daquela visão — o astro dos insones, em sua pálida resplandecência, refletido na laca negra da água parada —, mas um silêncio desconcertante pareceu responder à minha reverência.

Mergulhei primeiro as mãos. A imagem se desfez em fragmentos de luz. Aos poucos, lancei-me de corpo inteiro e nadei rumo ao centro do lago, deixando Ivan, que havia se deitado perto das pedras. Fiz com que meu corpo flutuasse sobre a superfície: àquela altura, ambos desejávamos esquecer a aridez da labuta diária, para nos perdermos em devaneios e contemplações. Eu sentia o toque suave das águas em meu rosto, roçando-me as orelhas. Acompanhando uma nuvem majestosa que tinha encoberto a lua, pensei em nosso pai.

Aquele homem, que por muitos anos nos honrara com uma vida digna e cheia de afazeres, nos últimos tempos envelhecera de maneira drástica. Havia enfrentado períodos de dificuldades que eu jamais teria tido forças para suportar. Na juventude, matara à faca — dizia ele — um homem que lhe fora desonesto. Com incomum obstinação, acompanhou cada capítulo do câncer de nossa mãe e a enterrou sem derramar lágrimas.

O vento arrastou a nuvem e minhas pupilas se banharam com o luar. Ao redor do lago, as árvores se agitaram e folhas caíram de seus galhos retorcidos. Folhas marrons se espalharam sobre a superfície da água. Aquele vento era forte, como nosso pai uma vez fora. Naquela época, por mais que nos esforçássemos, qualquer melhoria de vida era inalcançável. Por isso, não culpo Ivan por ter aceitado o cálice. Mas eu achava que somente Deus poderia nos dar coisas valiosas. Ivan...

Quando me libertei de meus pensamentos, dei o último mergulho nas águas turvas e nadei de volta à margem. Tinha até esquecido que meu irmão me esperava. Imaginei que ele estaria impaciente com meu ritmo lento,

como de costume. Sempre fui devagar, sempre estive atrasado em relação a Ivan — razão pela qual tanto ele quanto meu pai muitas vezes me crucificaram.

Para minha surpresa, meu irmão não estava mais ali, na margem. Ele tinha andado até um arbusto que crescia entre duas rochas robustas, cobertas de musgo. Seus olhos se detinham em algum ponto no breu que se formara entre as árvores. Me aproximei, mas Ivan sequer pareceu me notar. Segui o olhar de meu irmão e, por um instante, pensei ter visto um vulto.

Não era nada, a não ser a sufocante paisagem noturna. Eu esperava ver, sei lá, um desconhecido, talvez um andarilho que, por acaso, viera parar nas redondezas, ou quem sabe um cachorro selvagem. Algo que pudesse nos ferir, pois os músculos da face de Ivan estavam tensos, contraídos. Estalei os dedos a poucos centímetros de seu ouvido. Ele me olhou, irritado: um filete vermelho escorria de seus lábios entreabertos. Sobre nossas cabeças, percebi o brilho de antigas constelações, que se organizavam em desalinhado ponto de interrogação sobre o lago parado.

“O que é isso aí na sua boca?”

“Sangue, caralho”, ele disse. “Nunca viu sangue?”

Por dois segundos medimos nosso mútuo estranhamento: eu não esperava aquela rispidez vinda de meu irmão, não naquelas circunstâncias, e ele não parecia certo de ter escolhido as melhores palavras para explicar a situação. Voltamos em silêncio para casa. Antes de abriremos o portão, Ivan pegou uma pedra no chão e atirou-a na direção da mata.

Encontramos nosso pai bêbado, na cozinha, com a cara enfiada no prato em que comera. Meu irmão fez um gesto de exasperação e se fechou em nosso quarto. Observei aquela cena lamentável: nosso progenitor, aquele que nos fazia verter suor em tantos dias de trabalho pesado, agora jazia ali, longas rugas e cabelos grisalhos repousados entre grãos de arroz e ossos de frango.

Hesitei em chamá-lo para dormir, por medo de sua reação e pela náusea que percorria meu corpo. Eu precisava me recompor. Peguei água da tália e bebi, lentamente, enquanto me analisava, refletido no vidro da janela: gotas da água do lago ainda caíam dos meus cabelos

e deslizavam sobre meu rosto; minhas mãos seguravam o copo de maneira desajeitada, os dedos magrelos demais, esparramados sobre o objeto como as patas de uma rara aranha branca. Precisei de algum esforço para identificar meus próprios olhos, até que encontrei negras jabuticabas, como as que colhíamos em agosto, brotando no fundo de dois circunspectos buracos.

Nesse momento, tive a impressão de ter visto algo pela janela, cruzando meu próprio reflexo no vidro. Com força, apertei o copo entre as mãos: uma coisa se movera no verde-escuro das folhagens. Pisquei os olhos duas, três vezes, e vi apenas o balanço do eucalipto lá fora. Olhei meu pai, que roncava sobre a mesa, e meu estômago emitiu um ruído grotesco. Voltei a espiar pela janela, esforçando-me para transcender a paisagem do meu próprio semblante e visualizar com nitidez os movimentos sinuosos da noite.

Começou a chover. Eu me distraí com o som da chuva contra as telhas de barro e acabei me engasgando com a água que bebia. Meu pai acordou com um sobressalto,

os olhos muito vermelhos pelo sono e pela bebedeira, e grunhiu para mim, no mais perfeito falar caipira:

“Vai durmi.”

Quando entrei no quarto, as luzes estavam apagadas e Ivan já dormia. O que tinha acontecido com meu irmão? Como havia se machucado? Por que aquele sangue? Por que me tratara daquele jeito? Será que eu havia feito alguma coisa antes, talvez durante o dia, que o tenha incomodado? A garoa se transformara em uma tempestade brutal, com estrondos que me faziam arregalar os olhos no quarto escuro — ou será que eu os fechava ainda mais? Não fazia diferença, tamanha era a escuridão.

Demorei algum tempo para dormir, perdido para sempre em pensamentos confusos, até que permiti que a sinfonia do temporal me entorpecesse por completo.

Durante a noite inteira, tive visões. Vi a mim mesmo nu, flutuando sobre o lago, enquanto Ivan, ao longe, guiava centenas de ovelhas para dentro da floresta, num entardecer que morria entre nuvens desbotadas. Naquele idílio onírico, os animais corriam e se chocavam

mutuamente, afugentados pelos gritos e insultos horríveis que meu irmão lhes lançava.

Mergulhei fundo no lago, que parecia feito de água suja. Quando retornei à superfície, me encontrei passeando pelos corredores silenciosos de uma antiga biblioteca universitária. Detive-me na seção de poesia e folheei um exemplar antigo, com poemas de temática bucólica, até ser perturbado pelos gemidos de um menino ruivo, parado atrás de mim. A criança se agarrou às minhas pernas, aos prantos, e eu acariciava sua cabeça vermelha, para que se acalmasse. Senti suas lágrimas quentes molharem minha calça.

“O que foi? O que você quer?”, perguntei.

Quando o menino ergueu a cabeça, vi o rosto envelhecido de meu pai me encarando com um sorriso ambíguo, camuflado entre sardas e pústulas peludas. Fiquei perplexo com sua aparência demoníaca. Larguei o velho livro de poemas, gritei o nome de meu irmão — “Ivan!” —, que ecoou pela biblioteca, percorrendo intermináveis fileiras e corredores, misturando-se às páginas, preenchendo as entrelinhas.

Acordei com o toque de meu irmão em meu ombro. O suor e a urina inundaram minha cama, como se a tempestade tivesse invadido o quarto. Ivan me olhava com curiosidade e espanto.

Hoje, ao escrever a história que ignorei por tantos anos, a história de como consegui escapar de meu destino miserável e banal no campo, interpreto esse sonho como profecia. Em minha realidade atual, a casa no campo, meu pai, Ivan, o lago, meus pesadelos — tudo está tão distante que, pensando bem, mesmo o meu primeiro nome, o nome pelo qual meu irmão me chamava, ficou esquecido em algum lugar ermo. Caminhando pelo campus, indo de uma sala a outra, pulando de reuniões da coordenação do curso para atendimentos furtivos aos meus orientandos, em todas essas ocasiões só me tratam por professor Silveira, com digno distanciamento. De imediato pronuncio um “oi” discreto ao ouvir o sobrenome de meu pai, o sobrenome de Ivan, esses fantasmas que decidi invocar, tantos anos depois, para que eu mesmo me liberte dessa história incômoda.

Lembro que já era madrugada e que tínhamos um dia de muito trabalho. Depois de ter me salvado de meu sono inquieto, Ivan disse que queria conversar. Eu precisava de um banho, mas meu irmão foi veemente: não podia esperar. Fomos juntos ao banheiro, onde me despi na sua frente, o que não acontecia desde que éramos pequenos. O embaraço da nudez, que me fazia corar sob a água morna do chuveiro, foi pouco a pouco substituído por sentimentos de ansiedade e pavor, diante do relato de Ivan.

Apoiando-se na pia, com a lateral da cabeça repousada no espelho, Ivan subitamente assumiu uma expressão vazia. Seus olhos, negros como os meus, se fixaram em algum ponto abaixo de meus joelhos. Contou-me que acordara ouvindo vozes do lado de fora da janela. Parecia a conversa de um grupo de pessoas. A princípio, ele identificara apenas vozes masculinas. Mas logo ouviu mulheres e crianças se juntando ao vozerio. Notei que Ivan ficara ainda mais pálido. Seu olhar se deteve no ralo enferrujado e ele prosseguiu. Disse que as vozes falavam alto, sem nenhum pudor, conversando entre si numa língua desconhecida, sem sentido, como se estivessem reunidas

bem ali, do lado de fora da janela do quarto. Por fim, revelou o detalhe que mais lhe perturbara: eu estava falando com aquelas vozes, usando a mesma língua estranha que elas.

Fechei a torneira sem me desviar do olhar perdido de Ivan. Um calafrio percorreu minhas costas e eu me contorci em um espasmo mudo. Agarrei a toalha e me enrolei rápido, como se quisesse cobrir uma grande ferida. Ivan disse que me chamou, horrorizado com o que estava acontecendo, e eu apenas respondi, voltando à língua portuguesa:

“Não tenho medo.”

Nessa madrugada, não dormimos. Ivan e eu fomos à cozinha e nos sentamos à mesa. Nosso pai devia ter acordado e ido para a cama algumas horas antes, mas o prato ficara ali, com os restos de comida à mostra e os talheres jogados de qualquer jeito.

Conversávamos aos sussurros. Eu perguntava o que exatamente era aquilo. Ivan parecia tão assustado quanto eu, embora eu sentisse que escondesse algo. Pedi mais detalhes sobre aquele acontecimento singular.

Perguntei também sobre o sangue que, na noite anterior, vi saindo de sua boca.

“Não era sangue, era vinho.”

“E por que você mentiu, então?”

Foi aí que ele me contou toda a história. Durante demorados minutos, escutando o tique-taque do relógio ao fundo, acompanhei esse segundo relato repentino.

Ele me disse que, há algumas semanas, passara a ter sentimentos incomuns para nossa existência pacata: experimentava desejos incontroláveis, vontades cada vez mais intensas, delírios de fortuna e poder. Confessou ter desejado a morte de nosso pai quando, ao capinar a horta e cortar um pé de couve por acidente, viu-se preso a uma situação de eterna dependência para com ele. Amaldiçoou a terra, amaldiçoou a enxada, amaldiçoou o homem. Cuspiu uma grossa gosma amarelada sobre a couve que arrancara, resmungou ofensas impronunciáveis. Depois chorou: a princípio, indignado consigo mesmo e, no fim, por desespero.

Ivan disse ter sentido, àquela altura, que alguém o observava. Largou a enxada e olhou para trás, mas não viu nada, a não ser os eucaliptos e o muro em

ruínas, exibindo sua ossada de tijolo. O verão ardia e tornava insuportável até mesmo a acolhedora sombra da mangueira. Naquele momento ele percebeu, de soslaio, algo que se parecia a um cone preto, parado em um canto. O vulto se mexeu entre as bananeiras, rastejou pelo muro e parou perto do tanque de lavar roupa.

Eu ouvia, em silêncio, sem ousar interromper aquele intrincado fluxo de imagens absurdas, o qual jorrava não só pela boca, mas pelos gestos nervosos e pela expressão desagradável que assumira o rosto de Ivan.

Tive a impressão de que ele experimentava um conflito entre o assombro e o fascínio ao narrar tais eventos. Segundo meu irmão, o vulto desaparecera na passagem de um segundo a outro. Sobre o tanque de lavar roupas, onde antes havia pairado, surgiu um luxuoso cálice de prata. Ivan se aproximou, o coração palpitante delatando seu próprio medo e curiosidade, como o suicida à beira do abismo.

Inebriou-se com a cor do vinho: era mais escuro do que os poucos vinhos que ele já havia provado, talvez pelo contraste com o cálice de prata, que emanava um

brilho opaco, mas claro como um crânio humano exposto à luz da lua. O aroma tampouco era comum, como se gotas de sangue atravessassem as suaves notas do vinho.

Ivan oscilava entre o interesse e o horror, quando um murmúrio cortou o ar quente e estagnado da horta:

“Fala o que cê quer, que eu te dô. Mas tem que bebê tudo que tá aí.”

De onde vieram essas palavras? Para onde tinha ido aquele vulto? A voz e o vulto eram a mesma coisa? Peças que não conseguíamos encaixar. Aquela presença propunha um pacto e prometia coisas, falando como os caipiras que nós éramos. Até hoje me intriga esse detalhe. Da cozinha, podíamos escutar os roncos de nosso pai.

Ivan segurou minha mão. Seus dedos estavam frios e ele conteve o que parecia um soluço. Perdendo o controle sobre si mesmo, vomitou sobre a mesa um jato de vinho quente, que respingou em meu rosto.

“Eu não devia ter aceitado o cálice. Não devia ter bebido... Olha toda essa merda.”, disse.

Trêmulo, me levantei para buscar água. Dois copos, para que ambos nos acalmássemos. Peguei também um pano de prato para limpar a mesa.

Ivan me contou que esses vômitos tinham acontecido outras duas vezes, desde que compactuara com o vulto, com a voz ou com sabe-se lá o quê. Nos primeiros dias após o pacto, experimentara sensações estranhas de embriaguez e delírio. Disse ter corrido feito um doido pelo mato, embrenhando-se pela floresta. Sentia-se imensamente livre e poderoso, e às escondidas contemplava o anoitecer se derramando sobre as muitas montanhas sobrepostas no horizonte.

“Qual foi o seu pedido, então?”, perguntei o que ele dava voltas para revelar. Ele se calou, olhou a cozinha, os objetos ao redor e disse:

“Uma vida menos miserável que essa que a gente tem.”

Deixamos tudo em ordem. Joguei fora o pano que usei para limpar a mesa e, de volta ao quarto, trocamos nossas camisas. Não queríamos aborrecer nosso pai, por medo de ele quebrar a nossa cara depois. Apesar de termos

dormido pouco, precisávamos ajudar nos afazeres da roça e, mesmo que pudéssemos dormir, não conseguiríamos. Os primeiros raios de sol invadiram o quarto, dourando o bege sem graça das paredes, como se um vigoroso cavalo em chamas trocasse sobre o assoalho. Eu ainda estava arrumando minha cama, com mil pensamentos desconexos e questionamentos na cabeça, quando ouvi a porta de casa abrir e fechar.

Meu pai e eu só encontramos o corpo de Ivan um pouco antes do pôr do sol. Por horas, em vão gritamos seu nome e vasculhamos cada canto da propriedade. No fim do dia, quando já tínhamos alcançado uma região remota da floresta e as árvores se tornaram um confuso borrão sob o lusco-fusco, enxerguei meu irmão nu e sem vida, segurando o cálice vazio.

Passaram-se anos. Acho que a intensidade desses acontecimentos provocou uma ferida em minha memória, e por décadas evitei falar ou pensar racionalmente sobre o assunto. Em minha juventude, eu não conseguia compreender, por exemplo, por que Ivan tinha morrido daquele jeito. Aquele maldito vulto o assassinara?

Aliás, por que meu irmão morrerá, sem que seu pedido fosse atendido? A não ser que, por meio da morte, ele tenha se livrado daquela “vida miserável” que a gente levava, se é que a morte pode servir para nos libertar de alguma coisa.

Mas hoje, enquanto escrevo essas memórias e conecto os fatos com a serenidade com que a velhice tem me presenteado, vejo certo sentido no que aconteceu.

A morte de meu irmão causou uma dolorosa, mas importante mudança em meu pai. É claro que ele continuou enchendo a cara no Natal, nas festas de Ano Novo e até no meu aniversário, mas a bebedeira se restringia a essas datas. Também me lembro de que, naquele mesmo ano, meu pai concluiu que eu deveria ter o que ele rotulava como “instrução”, sempre pronunciando a palavra em um acanhado dialeto caipira: um de nós precisaria romper o ancestral ciclo de ignorância na família.

Foi assim que, depois de me formar em horríveis escolas públicas da cidade, esfolando-me nas aulas classificadas como “Educação de Jovens e Adultos”, acabei conseguindo uma vaga na universidade. Fiz graduação, mestrado, doutorado. Me tornei um intelectual,

por incentivo do meu pai inculto, e para esquecer a morte de meu irmão. Consegui bolsas de pesquisa e outros financiamentos para me manter durante os estudos, e logo fui aprovado num concurso para professor universitário. Passei muitos anos longe da roça, ocupado com artigos, dissertações e teses, com alunos aflitos e colegas oportunistas, mas nunca deixei de mandar muito dinheiro para meu pai, que gastava tudo com móveis novos e reformas intermináveis. Quando ele morreu, a faxineira que trabalhava há alguns anos em nossa casa no campo me enviou uma mensagem — que só li um pouco depois, e com discrição, ao encerrar minha fala num evento em Madri.

A plateia já estava distraída com o palestrante seguinte, um velho professor espanhol na cadeira ao meu lado. Eu observava aquela multidão de cabeças pensativas, irreconhecíveis no escuro e deformadas por minhas lágrimas: ali, sentado sob os holofotes, sendo alguém que eu jamais teria sido se não fosse pelo pedido de Ivan àquela força obscura, revivi a época em que ele ainda existia — revivi a vida na roça, o trabalho braçal, os mergulhos no lago, à noite; como se eu mesmo fosse aquele vulto que

envolvera meu irmão, caminhei pela horta de minha antiga casa, me encostei no tanque de lavar roupas, vi o olhar de Ivan ao se deixar seduzir pela bebida no cálice de prata, por desejos e sussurros. Por um momento, pensei ter visto meu irmão sentado entre as pessoas que assistiam às palestras.

“Ivan!”, gritei e todos me olharam. Meus olhos estavam cheios de lágrimas. Vi uma sombra disforme se levantar de uma cadeira e se arrastar para os fundos.
“Ivan!”

Especial⁷

Eu sempre quis saber o que Leonora fazia naquela floresta, pois sempre a via indo para lá após a nossa aula. Certo dia, quando ela arrumava seus cadernos, criei coragem e me aproximei:

– Oi, Leonora.

– Ah, Caleb, oi!

– Tudo bem? – pergunto meio nervoso.

– Sim. Hoje a aula foi bem calma, não acha?

– Verdade, tirando a parte em que a Amanda caiu no chão e todos da sala riram. Eu senti pena, acho que ela se machucou.

⁷ Angela Danielle Alves de Sousa e Silva, 17 anos, nascida em Teresina-PI, em 28/7/02, é estudante de técnico integrado ao ensino médio, na instituição IFMG - Campus Avançado Itabirito.

– Sim! Foi muito engraçado o jeito como ela caiu com a cara no chão – Leonora fala, rindo.

– Leonora, quero perguntar uma coisa já faz algum tempo – começo a ficar mais tenso, principalmente depois de ouvir esse tipo de pensamento sobre a Amanda.

– Pode perguntar.

– Desculpe-me por ser tão intrusivo, mas... o que você faz depois da aula?

– Eu vou para a minha casa, é claro. É que os meus pais não gostam que eu me atrase para o jantar ou chegue tarde. Como eu os amo muito, não quero decepcioná-los.

– Mas você mora na floresta?

– ...

– Perdão pelo tipo de per-

– Desculpa, tenho que ir agora. Não posso demorar para chegar. Eles não vão gostar.

Ela parece esconder algo muito ruim, e eu sei disso só por sua expressão quando citei a floresta. Sei que é errado, mas tenho que descobrir, o mais rápido possível, o

que ela faz lá. Talvez seja algo sério, e aqueles boatos sobre a Leonora podem não ser tão errados assim.

Enquanto saía da sala, a professora me chamou para conversar sobre o quão desatento estou, ultimamente, em suas aulas, e a nossa conversa demorou o suficiente para que eu perdesse Leonora de vista... “Droga! Vou tentar amanhã de novo”, pensei.

Hoje, Leonora me encarou durante a aula toda. Foi meio arrepiante. Acho que ela não gostou da pergunta que fiz ontem, sem contar que, a caminho da escola, algumas pessoas desconhecidas me olharam de um jeito estranho. Será que Leonora as conhecia? Será que tinha falado algo a elas? Quando tentei me aproximar mais cedo, no horário do recreio, para perguntar a respeito das pessoas, Leonora saiu da sala assim que me encontrou... mas as pessoas não importam agora. Quero descobrir o que ela faz naquela floresta!

Desta vez, eu já tinha guardado o material antes do término da aula, pois, assim que o sinal tocasse, eu iria seguir Leonora. Iria tentar, ao máximo, ignorar qualquer

peessoa que aparecesse em minha direção, mas, logo ao pensar nisso, o Arthur apareceu. “O que ele quer comigo agora?”, cogitei.

Antes que chegasse até mim, disse:

– Arthur, não posso falar agora. Tenho um compromisso muito importante. Nós nos vemos depois – saí da sala rapidamente, para que eu não perdesse Leonora de vista, assim como aconteceu da última vez.

– Que garoto ocupado! – sussurrou Arthur com um sorriso malicioso.

Entrei em uma loja de conveniência próxima à escola e à floresta, esperando que Leonora seguisse o seu caminho. Como eu havia saído antes, precisei me esconder para que ela não desconfiasse. Assim que Leonora entrou na floresta, comecei a segui-la com uma distância razoavelmente segura, para que ela não me notasse, e tentei, ao máximo, não perdê-la de vista.

Ouvi um barulho logo atrás de mim, olhei e vi que o Arthur me seguia. Puxei-o para fora da floresta e me certifiquei de que Leonora não nos encontrasse.

– O que você está fazendo aqui? Por que me seguiu?

– Vi que você foi atrás daquela menina e pensei que fosse fazer algum tipo de besteira – falou Arthur, que tinha um leve sorriso.

– Não é nada do que você está pensando – tento manter a calma para não falar as minhas verdadeiras intenções – Você não deveria se meter nisto. Não conversamos mais. Por que quis saber de mim justo agora?

– Só fiquei interessado no porquê você estava seguindo aquela menina até uma floresta. Admita: tudo isso aí é muito estranho, principalmente quando se fala.

– Não é nada ilegal, só quero saber o que ela faz lá. Sim, já perguntei, mas a Leonora não quis me dizer – Arthur tem razão; é estranho, mas ele não tem nada a ver com a situação – Isto aqui não tem nada a ver com você, vai embora.

– Ok, ok. Mas... por que essa curiosidade do nada? Está afim del-

– Não!

– Ah, que rápido. Sabe que se entregou, *né?* Não acha que Leonora é muito pra você? – Arthur fala se aproximando de mim.

– Não lhe diz respeito e não me siga mais! – afasto-me e vou em direção à minha casa, pois já havia perdido Leonora de vista e não adiantaria segui-la sem saber por quais lugares ela teria passado.

“Por que ele me seguiu? Parece que se arrependeu das coisas que fez e veio atrás de mim, mas não adianta, não vou voltar depois do que fez comigo. Ele estragou tudo me seguindo. Eu me distraí e perdi Leonora de vista”, pensei.

Quando estava finalmente em casa, decidi ver TV antes de dormir, pois iria passar a série de crime de que gosto.

– Caleb, sua escola ligou falando que você não tem prestado atenção às aulas. O que está acontecendo?

– Que susto, pai, aparecendo assim, do além! Não foi nada. Não tem nada com que se preocupar.

– É claro que vou me preocupar. Isso afeta suas notas. Por favor, preste mais atenção às aulas. Agora, ficará sem TV, pois você tem que estudar – meu pai fala apontando para o meu quarto e se sentando no sofá.

Não questiono, pois sei que ele tem razão. Vou ao meu quarto para tentar estudar. Pego os livros e cadernos de que vou precisar e me sento à mesa. Depois de mais ou menos 40 minutos, recebo uma mensagem. Pego o telefone e vejo que era o Arthur. Reviro os olhos e volto a estudar, até que recebo outras duas mensagens. Tento ignorar, mas ele me liga.

– Arthur, o que você quer?!

– Tinha alguém te seguindo, Caleb! – Arthur fala desesperado – Desde quando você saiu da floresta, reparei que uma mulher estava te seguindo. *Tô* falando sério.

– Por que alguém me seguiria? Isso não faz sentido.

– Talvez a Leonora tenha percebido que você estava a seguindo e acabou contando para a mãe dela. Você começou com isso! Para que seguir uma menina até a floresta?!

– Não grite comigo! Você tem razão, mas não tem que me dar sermão – olhei pela janela e não vi ninguém perto de casa – Não tem ninguém aqui em casa. Vou desligar agora. Preciso estudar. Tchau!

– Mas... Cale-

Que raiva. Ele não me dá sossego. Não tem ninguém perto da casa, só um dos vizinhos olhando pela janela. Estranho.

Retorno à mesa, começo a estudar novamente, mas sou interrompido por outra mensagem.

– Quem é agora? – falo já irritado.

Leonora? Por que ela me mandou mensagem? Talvez saiba que eu a estava seguindo e, por isso, veio tirar satisfação. Ferrou. “Vou deixar para resolver isso amanhã, na escola. Vou dormir agora”, pensei.

Levanto durante a madrugada, com sede, saio do quarto e vou à cozinha, mas, durante esse tempo, ouço um barulho na porta da cozinha. Retorno ao quarto, sem pensar, e tranco a porta. Meu pai disse que voltaria só de manhã, por conta de uma emergência no trabalho, então

não pode ser ele. Penso em ligar para a polícia, mas o meu celular havia sumido. Tenho que sair daqui e pedir ajuda para algum viz-...

Acordo em algum lugar desconhecido. Quem me trouxe até aqui? Ouço barulhos e vejo... Leonora?! Ela parou em frente a uma cabana, com pessoas muito estranhas. Algumas parecem ter sangue na roupa e uma espécie de colar com dentes. Algumas se parecem, ainda, com as que vi ontem de manhã! Escondo-me atrás de uma pedra bem grande, mas faço um barulho. “Talvez eu devesse mudar de esconderijo”, penso. Vou rápido por trás de uma árvore, mas sinto que alguém me ouviu. Oh, não! Leonora me achou e está com uma expressão no rosto que eu nunca tinha visto antes. Tento correr, mas acertam minha perna com uma lança. Leonora sorri enquanto se aproxima de mim. Começo a me sentir tonto e muito enjoado. A lança teria sido envenenada?

Assim que eu acordo, vejo-me preso a uma jaula. Olho para a minha perna e... Nossa! Como ela está horrível! Quando eu olho em volta, vejo mais pessoas, algumas vivas e outras mortas, que parecem ter sido

comidas por algo ou alguém. Havia mordidas e arranhões pelos corpos delas. Escuto passos do escuro, vejo que é a Leonora, mas ela está com as mãos para trás. Preocupado com o motivo de ela estar com as mãos assim, pergunto apreensivo:

– Leonora, o que está acontecendo?! – falo desesperado com o que ela possa fazer.

– Não é nada pessoal, Caleb! Isto é pelos meus pais.

Ela tira uma adaga das costas e se dirige ao local onde estou, sorrindo de um jeito horrível, de um jeito macabro.

Eu sigo a linha⁸

Todo mundo deveria ter a oportunidade de voltar a sua casa no circular que faz parecer passeio, o circular quase vazio depois das oito. Não estamos passeando, mas quase é – e, nas nossas cabeças, soam nossas músicas favoritas. Há de se fingir que é turismo, porque são dos ônibus mais demorados (sentido distrito) e passam por lugares que nos fazem questionar se continuamos na mesma cidade.

⁸ Nataly Ternero, 23 anos, nascida em Itapira, São Paulo, licenciada em Letras Português pela Universidade Federal de Alfenas.

Tem gente que mora aqui, nestes lugares em que tudo é tão outro.

As janelas vão abertas, obviamente, como também vão nos dias de chuva. Ao menos tive a chance de morrer num dia não chuvoso, que foi este. Se você me conheceu, sabe que eu não aceitaria morrer com chuva.

As janelas vão abertas, e há mais três almas vivas com você, respeitosamente espaçadas; na cabeça de cada uma, soam as suas músicas favoritas.

Esses ônibus gostam de avenidas eternas, é claro; é um namoro a distância. Eu também gosto delas, mas olhá-las me dava sono... As teorias que li durante a tarde, agora percebo, só me ajudaram a morrer sem lutar. Tanto sono, tão singelas, minhas pálpebras só queriam se encontrar. Se eu tivesse lido menos...

Em avenidas eternas, quase como regra, vivem árvores eternas. Suas raízes estavam ali antes de tudo. De um lado e do outro, você sabe como é: as janelas abertas e os braços galhos e o vento voa.

Deleitosa, invento que um galho me afagou. É tão de leve, só borbulha meus cabelos. Eu gosto, eu gosto. O

galho rodopia cachos na ponta dos seus dedos. Meus olhos se fecham, porque eu gosto. Lembro-me de pensar que poderia dormir assim e que o contato com a natureza é muito lindo etc.

O vento sopra, então, numa intensidade que a tudo abafa, e eu sei que ninguém pode nos ouvir – é tão secreto. O ônibus se entrega de corpo e alma à avenida, e eles descem numa montanha russa de pobre. Sinto cócegas que atribuo aos fios de cabelo brincados, enfim repousando em meu colo branco e acelerado, e dou meu último sorriso.

Os galhos passam por minha nuca, e eu sei que algo está ficando sério (a sensação na barriga é a mesma de quando se parte rumo a um dia de trabalho sem ter certeza de que se pegou tudo). É só o aperto forte demais que me tira daquele quase sono.

Recapitulo mentalmente antes de me desesperar: avenida eterna com passageiros que não me ouvem; e não há nada para ouvir, porque os galhos me envolveram de maneira que já não posso mais gritar. Desespero-me – não há ar que me baste.

Como se não estivesse à beira da morte, minha mente me traz a imagem de folhas de papel finíssimas que costumam cortar os dedos de meninas leitoras. Se pudesse te dar um conselho, diria: não brinque com árvores – quando elas te matam, são como folhas agudas de papel rasgando a pele de seu pescoço e jogando um gole de álcool por cima.

E é simples assim: o ônibus corre, as árvores me enforcam e nossas músicas favoritas soam totalmente em descompasso. Sem moral da história, sem significado maior. Estupidamente.

Alguém precisa colocar aquela carta no correio, e a Marina nunca vai me perdoar se eu não aparecer. Alguém precisa enviar aquela carta e avisar minha mãe de que não foi culpa minha, eu cochilei, eu não vi. Eu precisava de, no mínimo, três dias úteis de antecedência. Eu precisava que todos soubessem que morrer é bem assim: eu vou morrer, será em vão, e ninguém nunca vai saber. Justo eu! Justo eu! Eu pensei que comigo seria diferente.

Meus olhos estão escancaradíssimos em busca de algo que me prenda; de alguém que me salve e diga

“vivemos em um mundo no qual árvores não matam pessoas, você *sabe* disso, não é?”. Bastava alguém dizer isso, só isso, e a maldição se quebraria, e eu riria sem jeito, dizendo “eu não devia passar minhas tardes lendo Foucault, que loucura!”. Desceria do ônibus no ponto errado, como sempre, tudo normal.

Quando eu era jovem, pensava que havia um significado maior a ser desvendado em cada coração, e só então algo assim podia acontecer. Você já sabe o fim, então nos poupe de literariedades inúteis. Sem moral da história – foi totalmente à toa.



Formalidades cotidianas⁹

– Querida, você quer viver comigo para sempre?

– É claro, amor. Até que a morte nos separe!

Logo após a morte do meu namorado, acordei com um bilhete que ele havia deixado ao lado do meu travesseiro, para que eu soubesse da notícia assim que despertasse da nossa longa noite. Era uma mensagem curta, mas esta dizia muito. Ele foi sincero e me contou a verdade. No pequeno pedaço de papel, Pedro dizia que, na noite anterior, quando se deitou para dormir, antes que o sono chegasse, a morte se infiltrou no nosso quarto a fim de levá-lo. O infeliz estava com medo de que eu não pudesse ser capaz de entender a sua delicada situação, por isso tinha retornado à casa dos seus pais. Tive de ser corajosa. Fui até lá. Encontrei-o tomando café com a sua família e o chamei, discretamente, para ir ao seu quarto. Depois de

⁹ Felipe Evangelista Aparecido, vinte e um anos, nascido em 04/12/1998, na cidade de Conceição da Aparecida - MG, estudante de Letras na UNIFAL-MG.

acalmá-lo, prometi que guardaria o seu segredo, pois o coitado não queria que todo mundo saísse por aí dizendo: “Você sabia que o Pedro já faleceu? Era tão belo e forte, mas já está em estado de decomposição”.

Somente eu sabia da verdade. Era um peso esconder algo tão importante. Os pais dele me olhavam com os olhos tortos e confusos, voltavam a olhar para o filho, depois novamente para mim. Eu queria contar. Eles mereciam saber, mas o amor da minha vida continuava apertando a minha mão esquerda, lembrando-me da minha promessa surreal. Se, por um lado, eu contasse aos bons pais que o único filho morreria no dia anterior, Pedro ficaria decepcionado com a minha honradez; por outro, se eu conseguisse fingir que estava tudo bem e eles descobrissem, depois, o terrível fato, certamente me culpariam por não lhes ter contado a verdade.

Não foi a primeira vez que isso aconteceu. Não estou dizendo que o Pedro já tivesse passado por esse processo anteriormente, mas o meu cachorro tinha terminado da mesma maneira. Ele foi atropelado e insistiu em continuar vivo. Eu ainda tinha que colocar ração, levá-lo

para passear no parque e impedi-lo de subir no sofá, até que, um dia, não suportei mais aquela comédia. Levei o bichinho a um abrigo de cães abandonados. Ao sair do canil, olhei para trás, fiquei bem aliviada, encarando os vira-latas que latiam sem parar. O meu cachorro parecia normal entre eles. Não se notava que já tinha morrido, nem os seus novos amiguinhos pareciam suspeitar disso.

Pedro queria um velório simples, pelo menos até o momento em que tivesse força para contar a verdade a todos. Decidimos que faríamos na minha casa. Era o lugar mais secreto. Não queríamos correr o risco de nos pegarem fazendo um funeral em segredo. As pessoas ficariam magoadas por não terem sido convidadas para um evento tão importante.

Pagamos dez mil reais pelo caixão. Eu não estava disposta a gastar a minha economia, mas Pedro disse que tínhamos de fazer tudo da forma mais perfeita e apropriada para a situação. O pessoal da funerária foi bastante prestativo. Pedro ficou lá, para ser arrumado, durante seis horas. Não pude acompanhá-lo o dia todo, pois tive que trabalhar para manter as aparências que ainda me

restavam, mas, depois que saí do emprego, fiz questão de ir ao cabeleireiro com ele, pois queria convidá-lo para tomar um sorvete. Ele recusou. Fiquei aborrecida. Pedro explicou que estava triste e disse que talvez fosse o fato de ter passado o dia todo na funerária, com um sujeito tagarela que não parava de puxar papo. Ele até gostou do cara, mas o meu namorado era do tipo introvertido. Quando conversava muito, tinha que repor, depois, as energias.

Para manter as aparências, Pedro teve de retornar à casa dos seus pais antes mesmo do jantar. Caso notassem que ele estava todo arrumado, explicaria, de maneira inocente, que iria a alguma festa, um baile de formatura ou qualquer coisa do tipo, somente para não deixá-los preocupados ou horrorizados com o seu funeral.

Pedro chegou atrasado para a sua cerimônia. Combinamos que seria às vinte e duas horas, mas ele chegou alguns minutos depois. Ainda bem que, como sempre, eu já tinha tudo preparado, desde o jantar na mesa da cozinha até o caixão, no centro da sala, que já estava pronto para ser usado. Ele deixou a sua bolsa de viagem

sobre o sofá e, depois de me dar um beijo bem rápido, foi direto para a cama, ou melhor, foi direto para a sua urna.

Ajudei-o a subir e, depois, a entrar. Enquanto o cobria com flores perfumadas, Pedro ajeitava o cabelo. Ele ficou lindo nessa situação. Depois, quando já estava perfeito na sua caixa, dei-lhe um beijo, longo e demorado, na boca. Ele murmurou alguma coisa, lamentando ou querendo chorar, mas eu disse que tínhamos que ser fortes naquele momento tão triste. Pedro se acalmou. Com muito pesar, fechei os olhos dele com os meus dedos. Sentei-me em uma cadeira ao lado e comecei a chorar enquanto ele cantava, ainda de olhos fechados, uma música melancólica.

Ficamos assim por umas duas ou mais horas. Eu continuaria por mais tempo na despedida, mas o meu garoto se levantou bruscamente do caixão, descendo para me dizer que já estava na sua hora de ser enterrado. Tentei argumentar, mas ele disse que realmente era a hora, e não poderíamos adiar o inevitável. Pedro perguntou se eu conseguiria viver sem ele. Eu respondi que realmente não, pois nunca tinha pensado na hipótese. Paramos de falar, já que não era hora de discutir. Ele parecia estar sentindo frio

(realmente estava!), pois o vento daquela noite era congelante.

Sáímos para o quintal. Olhamos o céu estrelado e admiramos a grandeza do universo, esquecendo-nos de que uma pequena vida é tão titânica e monstruosa quanto o grande sistema o qual aglomera todos os outros sistemas menores. Pedro estava com mais frio do que antes. Seu corpo estava todo arrepiado, por isso fui rápida na minha tarefa. Peguei uma lona e pedi que ele se sentasse enquanto eu cavava a sua cova. Primeiro, usei o enxadão para aliviar o solo e arrancar as raízes e pedras que poderiam me atrapalhar durante o processo. Depois, peguei a pá e comecei a cavar. Pedro, que sempre foi introvertido, começou a falar sem parar. Talvez fosse o medo ou apenas a curiosidade sobre a vida após a morte. Ele me perguntava se o amava e se o achava lindo. Em seguida, questionou-me se realmente deveríamos fazer aquilo. Eu respondi que a coisa mais normal a se fazer para uma pessoa morta é enterrá-la. Ele pareceu um pouco mais aliviado.

Enquanto cavava e jogava a terra, eu tentava ser devagar, para passarmos mais tempo na despedida,

mas, infelizmente, o tempo não colaborou. A cova já estava perfurada. Era a hora. Olhei para o Pedro. Ele sorriu meigamente ao se despir. Levantou-se da lona e veio até mim. Perguntei se ele realmente queria ser enterrado nu ou se iria vestir alguma outra roupa. Pedro disse que queria voltar para o infinito do mesmo jeito que veio dele. O nascimento estaria ligado à morte. Concordei. Ajudei-o descer ao buraco, a fim de que não se machucasse. Ele se deitou; parecia tranquilo, despreocupado e até mesmo um pouco animado.

Depois de um beijo, comecei a jogar a terra do redor sob a cova, tentando, a princípio, não acertar o morto. Em seguida, vi que não havia mais espaço, então joguei em seus pés, suas pernas ... Ele sorria durante todo o tempo e conversava distraidamente. Deve ter falado mais palavras no seu enterro do que durante a sua vida! Quando faltava só a cabeça, Pedro ainda mantinha o otimismo a respeito da vida após a morte (ou apenas um fingimento), para que eu não ficasse ainda mais triste. Ele perguntou, caso nós pudéssemos ficar juntos, se eu iria querer filhos. Eu disse que realmente não tinha pensado no futuro. Já estava com a

terra na pá, para jogar sobre a sua cabeça e cobri-lo por completo, quando ele me chamou e disse que ainda me amava e que sempre me amaria. Eu respondi que sentia o mesmo e joguei a terra seca e pesada sobre o rosto sorridente e sensível de Pedro.

Tomei um banho demorado. Vesti roupas novas. Fui à cozinha. O jantar liberava um cheiro delicioso de pimentão. Sentei. Demorei alguns minutos para devorar o arroz, a feijoada, a carne de frango e também o pimentão. Pimentão? Não! Era o meu ingrediente secreto. Algo tão venenoso que tiraria a vida de qualquer pessoa e, neste caso, a minha doce existência.

Enquanto fazia a digestão, esperando a minha morte, pensei no que acontecerá amanhã, quando eu chegar alegremente no meu emprego, conversar com os meus colegas e fazer piadas sobre o chefe; ou, ainda, na semana que vem, quando irei passar as férias com os meus queridos pais; ou mesmo no futuro, quando eu for promovida à gerente. Durante o resto da minha vida, em qualquer situação, ninguém perceberá que não passo de uma mulher morta.

Frenesi¹⁰

Todas as noites passo horas na varanda do apartamento. Sempre quis estar em um lugar como esse, onde todas as luzes da cidade formam um mar de vida, fazendo com que eu me sinta menos solitária. É preciso encontrar maneiras de resistir. As garrafas vazias ao meu lado mostram meu esforço de tentar na vã esperança, e que o álcool seja capaz de me levar rapidamente para outra dimensão. Outras vezes tento o café, enchendo xícaras repetidamente, como se por um momento acreditasse que não era humana suficiente para me sentir cansada.

Mas o fim das noites de resistência sempre é o mesmo. Eu me rendo às armas dos soldados que espancam minha cabeça, deixando-a dolorida. Então me arrasto para o quarto, sentindo as pernas pesadas. As roupas e lixo espalhados pelo chão são uma prova de que há bastante

¹⁰ Larissa Teodoro Sousa, nascida em Alfenas-MG, no ano de 1996, é estudante de Ciências Sociais na Unifal.

tempo venho perdendo todas as batalhas que travo. Não tenho ânimo para tirar o que visto, apenas me jogo no colchão, pronta para outra sessão de tortura. Meus olhos pesam e, por um instante, parece que tudo vai ficar bem.

Aos poucos essa tranquilidade se esvai. Enquanto encaro as paredes escuras, aquela sensação volta a tomar conta de mim. Dezenas de aranhas com suas pernas finas começam a andar pelo meu corpo. Tento ignorar, mas a agonia me faz contorcer pela cama. Uma onda de calor repleta de raiva se espalha, explodindo em meu cérebro. Tenho vontade de me rasgar em pedaços. Meu coração acelera me permitindo ouvir suas batidas vigorosas.

Droga, é só ignorar. Pensar em algo bom. Descrever mentalmente as coisas que vejo. Respirar mais devagar. Tola ilusão. Essas pequenas aranhas começam a se agrupar, parecendo ainda mais numerosas. Agora são uma coisa só. Uma criatura tão grande quanto eu, com forma humana, mas traços demoníacos, que exalando sua podridão está sentada sobre mim. Sua pele é ácida e corrói a minha. Me manter viva parece uma tarefa árdua demais.

Com suas mãos asquerosas ela aperta meu pescoço, fazendo a dor se irradiar. Tenho certeza de que não sobreviverei dessa vez. Ela tranquilamente sibila com sua voz familiar:

— Olá. Como você está?

Tento responder algo sarcástico, mas estou atormentada demais para conseguir desafiá-la.

— Parece que não muito bem, não é mesmo? Pelo que observei, e saiba que tenho tempo demais para observá-la, você não fez nada o dia todo.

A sensação de ter sido observada me incomoda, mas não tanto quanto me incomoda saber que ela está certa. Eu realmente não havia feito nada e nem sequer sabia o motivo. Talvez outra criatura como ela tivesse passado por mim e sugado a pouca energia que me restava ou talvez eu devesse assumir a responsabilidade de estar vivendo da maneira errada, sempre com medo de tentar o que quer que fosse.

Sinto seus dedos acariciarem meu rosto e o vômito sobe a minha garganta subitamente. Me viro procurando colocar aquilo para fora, mas não consigo.

Apenas me deparo com a imagem dos meus antigos quadros pendurados na penumbra. Eles mostravam que em algum momento eu tive algo a dizer, pintados quando eu ainda era capaz de ver beleza nas pequenas coisas e as transformava em arte, de uma maneira suave, com tamanha sutileza que os dias pareciam acariciados ao contemplá-la. Nunca mais fiz algo como aquilo.

— Ainda brincando de pintar? Você não percebe que já morreu por dentro? Por que não desiste?

Olho em seus olhos vazios. Penso que os meus devem passar a mesma impressão de morte. Não sei a resposta. Não sei o que me faz não desistir, mantendo acesa aquela luz fraca ainda capaz de me fazer sorrir algumas vezes. Há semanas meu celular recebe mensagens preocupadas dos amigos, para quem finjo estar ocupada demais. Tenho mais pavor de explicá-los o que sinto do que temo a monstruosidade que me prende. Eles não entenderiam.

— Vamos lá. Você sabe que de qualquer forma será minha, por inteiro. Ninguém poderá salvá-la. Ninguém se importa tanto assim.

Não sei se de fato ninguém se importa, mas tenho mesmo certeza de que ninguém pode me salvar, nem naquele momento, nem em outros. Simplesmente porque eu não consigo me deixar ser ajudada. Não tenho a menor ideia do que fazer para deixar de vê-la, para deixar de sentir o tempo todo que o medo é meu único amigo e que tenho que estar preparada para o ataque em qualquer momento.

A medida que as lágrimas cessam, sua força sobre meu corpo começa a se perder. Os minutos que se passaram pareceram horas. Posso sentir minha respiração voltar ao normal. Suas pernas já não me envolvem. Suas mãos já não me sufocam, embora minha garganta esteja ainda latejando. Seu rosto desconfigurado, reflexo do meu, já não me assombra. Sinto apenas um cansaço imenso me abater. Tento fechar os olhos novamente.

O resto da noite não é mais tranquilo do que seu início. Os pesadelos são recorrentes e a inquietação faz com que meu sono não se prolongue. São cinco horas. Tenho medo de ser atacada de novo. Acendo um cigarro, enquanto vejo os livros deixados ao lado da cama. Me pergunto se meus ídolos também recebiam visitas tão atormentadoras. É

claro que recebiam, e é por isso que hoje ainda são a única companhia que me agrada. Eles me entendem e eu os entendo. Isso basta.

Caminho até a sala. O sol começa a aparecer. Tenho boas horas até que ela ressurja. Ou não, ela pode ter mais poder hoje e me assombrar mesmo sob a luz que me cerca. Mas preciso tentar. Procuo as tintas abandonadas no fundo da gaveta. Pego as mais escuras e o pincel. Lamento pela parte morta em mim que sabia fazer coisas bonitas e abraço a nova parte que infelizmente só pode compartilhar com os demais um pouco de sua tormenta. Uma nova obra vai nascer.



A mansão Collins¹¹

Fazia 13 °C em Blowhard, uma cidadezinha pequena na Austrália, Katie estava perdida pela região e resolveu procurar uma casa para se abrigar por volta das três da manhã. Katie era uma jovem de 23 anos, alta, morena, olhos castanhos, com cabelos cacheados; longos e escuros. Era alegre, corajosa e impaciente.

Ela estava perdida, pois tinha ido visitar sua tia Susan, que morava a algumas horas dali.

O clima não era agradável, Katie já sentia calafrios e precisava arrumar logo um abrigo. A neblina estava forte, não se enxergava nada, até que ela avista uma mansão deslumbrante. Era perspícua a construção antiga e, chegando mais perto, notou que havia uma janela com a luz acesa e pensou: "Deve haver alguém nesta casa..."

¹¹ Maria Clara Silva Pacheco é natural de Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo. Nascida no dia 20/10/2003, estuda na escola Hosana Salles, tem 15 anos e está no nono ano do ensino fundamental.

Ela bateu na porta e gritou:

— Tem alguém em casa?

Logo, a porta se abre sozinha, ela entra e diz:

— Com licença...eu estava perdida...e encontrei essa casa...está muito frio lá fora e deserto...será que eu posso passar a noite aqui?

O silêncio era ensurdecedor, quando de repente..."BUMM", ela olhou para trás e a porta havia fechado. Quando se virou, uma pessoa estava na sua frente...

— Quem é você? – a pessoa perguntou.

Era uma mulher, de vestido branco, pálida e cabelos vermelhos com uma cara confusa. Ela era muito bonita e parecia estar sozinha.

— Me desculpa moça, eu estava procurando por abrigo quando vi essa enorme casa e pensei em entrar...meu nome é Katie Morris.

Katie respondeu um pouco nervosa.

— Tudo bem, pode ficar até amanhã na minha casa...Katie – disse a misteriosa mulher.

— Muito obrigada, a senhora é muito gentil. Como é seu nome?

— Meu nome é Adele, Adele Collins...

Ela saiu sem dizer mais nada. Seu olhar era frio, sua voz era calma e sua expressão era de indolência.

Katie ficou um pouco assustada e pensou que era melhor não dizer nada. Ela vagou pela casa até encontrar um quarto que era antigo, tinha poeira e algumas bonecas, parecia ser de alguma criança. A noite passou e por volta das 5 da manhã, ela acordou e resolveu ir embora. Procurou a mulher de cabelos vermelhos e não conseguiu achar em lugar algum.

Por volta das sete, ela chegou a uma padaria, pediu um café e se sentou, quando um senhor perguntou:

— Onde a senhorita passou a noite?

— Em uma mansão aqui perto, uma mulher me acolheu...o nome dela era...Adele, se não me engano.

— Você passou a noite na mansão Collins??? – Ele perguntou assustado.

— Sim, essa mesmo!

— Moça, a senhora é muito corajosa...

— Por quê? – Katie disse confusa.

— Aquela mansão era da família Collins, todos foram assassinados há alguns anos. O pai morreu na banheira morto pelo filho e a mãe suicidou-se, junto com sua filha mais nova e depois disso o filho nunca mais foi visto. Até hoje diz ser escutado o choro da esposa e lamúrias sem fim.

Katie não sabia o que pensar e nem dizer, ficou com os olhos arregalados pensando no perigo que correu passando a noite naquela casa.



O mistério da velha casa no fim da rua¹²

Marlon vive com sua família em um dos bairros mais calmos da cidade onde mora. Na sua rua, quase todos os vizinhos se conhecem e quase sempre viveram tranquilamente. Só que uma coisa vem incomodando os moradores há um bom tempo. É uma velha casa, no fim da rua, que já está abandonada há um longo prazo de tempo. Os moradores mais antigos dizem que a família que morava lá foi embora e nunca mais voltou. Não ocorreram mudanças, e nunca, nenhum parente apareceu por lá. Desde então, algumas pessoas dizem que ouvem gritos, outras falam que veem alguém na janela, enquanto algumas relatam que sentem uma sensação estranha ao passarem em frente àquela velha casa. Até em uma pista de corrida

¹² TÁCILA Fernanda Barboza Ventura mora em Cachoeiro de Itapemirim, nasceu no dia 18/12/2004, tem 14 anos. Estuda na Escola Estadual Professora Hosana Salles e cursa o nono ano do Ensino Fundamental II.

ao lado da casa, cercada por várias árvores, as pessoas que caminham por lá sentem-se perseguidas.

Certo dia, um parente de Marlon foi visitá-los. Chegou lá, Marcos, um dos primos de Marlon, que por um acaso era um garoto muito atentado, que gostava muito de aprontar e sabendo do que lá tinha acontecido, esperava ansiosamente uma boa oportunidade para invadir a casa "assombrada". Insistindo muito, Marcos conseguiu convencer seu primo Marlon e o amigo dele, Bruno, a invadir a velha casa na noite do dia seguinte.

Na madrugada de uma quinta para sexta-feira, Marlon e seu primo Marcos esperaram todos irem dormir para que eles pudessem começar a elaborar seu belo plano. Quando todos foram dormir, Marlon e Marcos saíram para se encontrar com Bruno, o qual já os esperavam ansiosamente. Os três se dirigiram até a velha casa no final da rua. Nesse horário, com a rua vazia e com pouco movimento, os três rapazes pularam o muro com facilidade. Como a casa era muito velha e as portas estavam todas emperradas, eles ficaram forçando a porta da entrada até que ela se abrisse e eles pudessem entrar. Com as

lanternas que tinham levado para lá, os meninos iluminaram todo o ambiente. Dava sentir um clima tenso no ar, mas nem assim eles desistiram de continuar. Andaram para lá, andaram para cá, e nada de encontrarem alguma coisa. Quando se preparavam para deixar tudo e irem embora, ouviram um barulho de gente correndo no andar de cima. Iluminaram tudo e acharam uma escada que dava acesso ao andar de cima da casa.

O medo foi subindo junto com a curiosidade e eles ficaram em dúvida se subiriam ou não. Logo, Marcos disse:

— Mas o que é isso pessoal? Vamos logo, não há nada lá em cima.

Subiram a escada bem devagar para não fazerem muito barulho. Ao chegarem no andar de cima, avistaram dois quartos e um banheiro. Tentaram abrir todas as portas, mas somente a do banheiro estava aberta. Cuidadosamente e com muita curiosidade, abriram lentamente essa porta. Quando entraram, não viram nada demais. Havia somente um lavatório e um espelho bem acima dele. Quando olharam para o espelho, viram um

homem estranho, vestido todo de preto, atrás deles no reflexo do espelho. Então, Marlon disse:

— Ah, pare com isso Bruno, sabemos que é você quem está aí atrás.

— Eu? Não sou eu coisa nenhuma Marlon, estou do seu lado.

— Então, quem é que estava ali, bem atrás de nós, no reflexo do espelho? - perguntou Marlon.

— Ora, eu não sei Marlon, deve ser o Marcos.

— Não sou eu não meninos, estou bem atrás de vocês.

Passaram-se alguns minutos sem que eles soubessem quem estava atrás deles àquela hora.

Depois daquele susto eles se acalmaram e saíram calmamente do banheiro e se dirigiram até o corredor. Chegando bem próximos a um dos quartos do andar de cima da casa, eles ouviram um barulho muito alto e estranho vindo do banheiro.

— O que foi isso? — Perguntou Marlon.

— Ah, eu não sei Marlon, parece ter vindo do banheiro — respondeu Bruno.

— Ok, então vamos voltar lá para ver o que foi que aconteceu.

Voltaram para trás para poder ver o que tinha acontecido. Ao chegarem bem em frente à porta do banheiro, perceberam que quando saíram de lá, deixaram a porta aberta e agora a porta estava fechada. Então eles abriram a porta para poderem ver o que tinha acontecido e perceberam que o espelho estava trincado e que quando saíram de lá, ele estava em perfeito estado. Logo, começaram a ficar com mais medo do que já estavam.

— Mas quando saímos daqui esse espelho não estava trincado desse jeito! — exclamou Marlon.

Com muito medo e sem saber de mais nada, Marcos disse:

— Ah, quer saber? Vou embora desse lugar, está tudo muito estranho.

— Hahahahahahaha! Está com medo Marcos? Não foi você quem insistiu para virmos até aqui? — perguntou Marlon.

— Pare de rir de mim, Marlon. Não estou com medo, só quero ir embora.

Com toda aquela risada, eles nem perceberam que estavam lá há muito tempo e que já estava amanhecendo.

Distraídos, começaram a descer as escadas sem pressa alguma. De repente, ouviram uma voz dizendo:

— Saiam dessa casa, se não saírem agora, pegarei vocês.

Assustados e já com muito medo, continuaram descendo as escadas para irem embora daquele lugar logo. Quando estavam quase chegando na porta, apareceu o velho fantasma de que todos falavam.

— Buuuuuuuuuuuuuuuuuuu! Eu vou pegar vocês!

Agora, morrendo de pavor, saíram todos correndo de dentro daquela antiga e velha casa de que todos falavam que era "assombrada".

Juraram uns para os outros que jamais entrariam naquela casa de novo.

Os olhos escarlates¹³

Voltava do cinema pelo mesmo caminho de sempre. Passei pela padaria, pela farmácia à esquerda e pela academia à direita. Quando faltavam só dois quarteirões para chegar à minha casa, os postes de luz começaram a piscar e desligaram. A rua não ficou totalmente imersa na escuridão, mas ainda assim os calafrios atravessavam o corpo todo. Não consigo lidar muito bem com lugares escuros, talvez por um temor que me prejudicou desde a infância.

A rua estava deserta. As luzes das casas estavam desligadas. Nenhum carro estava passando. Talvez, se eu fosse correndo, não teria tempo de pensar no escuro. Se alguém corresse atrás de mim, teria tempo de fugir. Coloquei a chave da porta de casa na minha mão, para poupar tempo procurando a chave do lado de fora. Quanto menos tempo no escuro, melhor.

¹³ João Victor Pessoa Rocha tem 20 anos, nasceu em 20 de março de 1999 em Almenara (MG); licenciando de Letras - Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Respiro fundo duas vezes. Três. A respiração ficou pesada. Dois. Conseguia sentir minha pulsação nas têmporas. Um. Mesmo que eu desse o comando, minhas pernas não se moviam. Ficar parado ali, naquela rua escura, devia ser próximo a se asfixiar. Respirei fundo mais uma vez. Levantei o pé direito e, assim que ele tocou o chão, comecei a acelerar em linha reta, no meio da rua.

Mesmo tentando correr em linha reta, desequilibrava um pouco. Olhava apenas para o chão. Segui assim até o final do primeiro quarteirão, quando movi a cabeça em direção ao cruzamento das ruas. À esquerda, um gato no meio da rua. Não consegui distinguir que tipo de gato era, porque lá também estava escuro, e eu só conseguia ver a silhueta dele.

Naquele breu, o destaque eram os olhos do gato. Eles brilhavam como duas estrelas, iluminados e sobressalentes. Por certo tempo, encaro o bichano e, como se esquecesse a escuridão ao meu redor, viro totalmente para a rua onde o animal estava. Era como se aqueles olhos tivessem me hipnotizado, e eu tivesse esquecido o porquê de estar correndo.

De repente, o gato começou a ficar maior, e a altura dos olhos só aumentava. Como se ele fosse um metamorfo, a silhueta ganhou braços, pernas e largos ombros. Conseguia ver um homem tomar forma e se inclinar em minha direção, mas, a esta altura, já não confiava no que via. Quando deu o primeiro passo, os olhos pararam de brilhar, e a noite coube perfeitamente nele. O transe em que eu estava sumiu, mas todo o medo de antes voltou. Na verdade, ficava ainda maior.

Eu me sentia como uma presa esperando o predador dar o bote. Por algum motivo, sabia que, se corresse, ele viria atrás de mim, mas, se ficasse, só facilitaria as coisas. Minha casa estava perto, só precisava correr o mais rápido possível. O homem deu mais um passo. Corri como nunca.

Não ouvi passos atrás de mim, mas também não olhei para trás. O mais importante era chegar à minha casa. O suor escorria pelo meu rosto, meus pulmões pegavam fogo e meu coração certamente falharia assim que eu parasse. Entrei em casa. Tranquei a porta. Apoiei minhas costas na parede e respirei fundo tentando me acalmar.

O olho mágico só revelava parte da frente da casa e parte da rua. Não conseguia ver se ele tinha me seguido, mas pude perceber que as luzes dos postes se acenderam. Com a iluminação ligada, sentia-me mais seguro. No entanto, o alívio foi rápido. Numa piscada de luzes, avistei, do outro lado da rua, um gato preto que olhava diretamente para mim, mesmo através da porta. Os seus olhos eram tingidos de um vermelho escarlata.

Eu me encostei à porta. O ar era pesado como cimento, e o meu coração diminuía o ritmo a cada batida. Levantei a cabeça tentando colocar tudo em ordem, já que poderia ser influência do filme de terror do cinema. Olhei e, ao fim do corredor, uma silhueta masculina vinha em minha direção. O coração disparou, a respiração ficou muito mais pesada. Desta vez, ele já aparecia sem nenhum suspense. Minha cabeça parecia explodir. A cada passo dado, uma agonia me dominava. Agachei ali mesmo e fechei os olhos como se me preparasse para o pior. Quando ele chegou bem perto, acendeu a luz.

– Por que você demorou tanto? Não ia só ao cinema?

Meu pai estava de braços cruzados esperando uma resposta. Não achou estranho meu estado, já acostumado com meus ataques de pânico. Não o culpo. Ter que cuidar de alguém com essas dificuldades pode ser bem cansativo, então já não se desesperava tanto. Ainda assim, ele, que era muito paciente, pegou-me pelos braços e me ajudou a levantar. Sua presença em mais um episódio me lembrou de uma vez em que fiquei preso no banheiro, enquanto ele dizia, pacientemente:

– Da próxima vez que se trancar assim, você pode não conseguir sair.

Desde então, toda vez que vou ao banheiro de casa, tenho que deixar a porta aberta. A sensação de ter alguém me observando anestesiava o medo de ficar preso novamente... E eu sabia que, mesmo estando sozinho, tinha sempre alguém me vigiando.

Quando me levantei, acenei com a cabeça em agradecimento. Fui ao banheiro. A luz estava bem fraca, mas a lua conseguia iluminar um pouco pela janela. Entrei no box e parei embaixo do chuveiro, mas a água quente deixava meus olhos mais pesados e meu corpo esgotado.

Não sei o que aconteceu na rua. Deve ser loucura. As pupilas de sangue vieram à mente. Era como se eu estivesse hipnotizado de novo, só de imaginar.

Ouvi um zumbido de mosquito que me tirou do transe. Esse barulho se repetiu e percebi que era a lâmpada piscando. Comecei a coçar a cabeça em um movimento que eu fazia quando achava que algo de ruim ia acontecer. Todos diziam que, na verdade, era só um movimento compulsivo. A lâmpada queimou de vez e, com a ajuda da luz da lua, a sombra do homem se projetou na cortina do box. A água continuava caindo, mas agora em um corpo paralisado e desesperado. Não tinha como correr nem como me defender. Minhas pernas tremiam, meu coração estava acelerado. Sentia que tudo ia jogar todo o almoço para fora e, ao mesmo tempo, minha garganta se fechava.

Os olhos rubros se acenderam, e a sombra ficou mais perto. Eu queria gritar, mas, mesmo que abrisse minha boca, o som não sairia. Fiquei ali: um corpo vulnerável, estático e apavorado. A sombra desapareceu. Uma mão apareceu no canto da cortina do box, segurando-o como se fosse abrir. Era uma mão esquelética que parecia se

decompor. Não sabia mais o que pensar. Nessa hora, a voz do meu pai veio me dizendo “Você precisa dormir”. Escutei o barulho de abertura da cortina e, então, soube que aquela escuridão ia me consumir. Nada aconteceu. Meus olhos fecharam.

Ainda de olhos fechados, tentei levantar os braços, mas estavam muito pesados, como se tivesse um peso sobre eles. Meu corpo estava imóvel. Talvez tivesse ingerido algum paralisante. Felizmente, respirava com mais calma. Meu corpo parecia estar afundando, mas entendi que tinha sido transportado para a cama, que nunca esteve tão macia.

Quando abri os olhos, estava do lado de fora da casa, chegando da escola. Percebi que tinha uma árvore nova no jardim. Parece que ela deu trabalho no plantio por conta do amontoado de terra que tinha ao redor. Quando entrei em casa, chamei Sandy. Ela era minha gata e estava com a gente desde os meus sete anos. Assobio, como de costume, para que ela venha até mim. Nenhuma resposta. Ando pela casa à procura da gata e vou assobiando a cada

cômodo. Continuo sem resposta. Na cozinha, meu pai estava lavando louça. Ele estava com a roupa suja de terra.

– Pai, você viu a Sandy?

Meu pai, que antes estava de costas para mim, vira-se. Ele estava segurando uma faca. Pareceu um pouco preocupado, mas disse que não viu e voltou a lavar. Fui para o quintal. Assobiei várias vezes e nada da Sandy.

Depois do que achei ser o último dia colando folhetos à sua procura, entro em casa e percebo que a árvore nova estava crescendo muito bem. Fui aproveitar a pequena sombra que ela estava começava a fazer. Alguns minutos depois, senti algo felpudo, que me fez espirrar, no meu nariz. Era uma bola de pelo, da mesma cor da Sandy, que tinha pousado sobre o meu rosto. Olhei para os lados e, para minha surpresa, tinha outra bola de pelo atrás da árvore.

Quando abri os olhos, levantei de súbito da cama. Estava encharcado de suor, parecendo estar com uma febre forte. O meu quarto antigo deu lugar a um lugar novo, porém aconchegante, onde tudo era branco, inclusive a minha roupa e os móveis. Mesmo neste ambiente todo

branco, a vontade de coçar a cabeça voltou, mas não conseguia levar a mão até minha cabeça. Foi então que percebi isto: eu estava me abraçando. A camisa que eu estava vestindo me obrigava a fazer esse ato de amor próprio. O desassossego para coçar a cabeça me fez rir e me movimentar pela cama. Não percebi e acabei caindo.

Sorte que uns homens, também de branco, apareceram e me colocaram de volta na cama... mas eles também estavam me segurando.

- Por que vocês não estão se abraçando? - disse.

Faço uma expressão de felicidade e balanço para os lados, como se estivesse dando um abraço em alguém. O homem da direita coloca alguma coisa em meu braço direito, e eu começo a ficar atordoado. Minha visão começa a ficar turva. Logo depois, a porta abriu. Não tinha ninguém na porta. Com muito esforço, olho para o chão. Não acredito no que estava vendo. Sandy estava ali, parada na porta, lambendo uma de suas patas. Assim que ela me percebeu, ficamos parados com os olhos arregalados.

Enquanto ela aumentava de tamanho, os olhos iam de preto a azul, a amarelo e, finalmente, a vermelho escarlate. Durante a mudança, ela não só crescia, mas também mudava de forma. As orelhas pontudas davam lugar a orelhas mais arredondadas. A cauda se encolhia até sumir. As patas se transformavam em mãos e pés.

Por causa da minha visão conturbada, eu não conseguia ver quem era, mas sabia que era um homem. Agora, ele não tinha os olhos vermelhos. Mesmo assim, enquanto ele se aproximava, eu ficava com muito medo. Quando chegou a quase dois palmos do meu rosto, eu não sabia o que falar. Meu pai se afastou um pouco e estendeu a mão, mostrando dois comprimidos vermelhos. Era o mesmo vermelho dos olhos do gato, da Sandy e do homem. O que quer que fossem, eu não os queria. Mesmo com os homens de branco me segurando, eu me debatia o máximo que conseguia, até que meu pai segurou o meu queixo e me forçou a engolir os comprimidos.

Eles desceram como muita dificuldade, quase rasgando a minha garganta. Depois, a imagem dos homens, inclusive do meu pai, foram se esvaindo. Eu sabia que,

mesmo dormindo, eu não teria paz. A vontade de coçar a cabeça estava gritante, mas não conseguia me movimentar. O que pude ver por último... foram os olhos... vermelhos... dos três homens. E tudo... ficou.. preto.

Ordinary night¹⁴

Eu entrei sem ser chamado. Chovia muito naquela noite, então busquei um lugar seguro dentro da casa, antes que pudesse intimidar alguém. Quando olhei disfarçadamente à minha esquerda, avistei um velho homem; parecia-me pálido, estava branco que nem uma vela, seus olhos dilatados e vermelhos, assemelhavam-se com os de alguém que não dormia há dias.

— O que fazes aqui?

— Estava sem abrigo senhor, perdoe-me. Entrei, pois chove muito lá fora, a porta estava aberta. — exclamei.

— Você pode ficar, se quiser. Apenas não repare nos ruídos, a casa é antiga; e seu solado há de estar comprometido, ainda mais nesse temporal.

¹⁴ Emanuely Agatha Jordão Machado mora em Cachoeiro de Itapemirim, nasceu no dia 16/08/2004, tem 14 anos. Estuda na escola estadual Prof. Hosana Salles e cursa o 9º ano do ensino fundamental

O ancião me hospedou em um simples quartinho, que ficava à margem de uma descomunal porta amarela de madeira.

E logo chegaras a hora do jantar. Aprontei-me e preparei um singelo prato de comida.

— O senhor não irá comer? — perguntei.

— Eu não como porções com alho, farei um prato de molho pardo — exclamou-me.

Achei estranho o fato de o homem ingerir apenas uma "sopa de sangue", porém, para mim, estava tudo muito confuso. Já era tarde, minha cabeça poderia estar criando várias paranoias.

Jantando, parecia o velho me observar; seus dentes eram avantajados e desbotados.

— Por que toda a casa é coberta de véu preto? — perguntei intrigado

— Eis que prefiro manter-me longe de toda luz — exclamou.

O dia logo nasceu, estava escuro e entre nuvens, levantei-me e peguei meu crucifixo para que pudesse fazer minha reza matinal. Nesse instante o senhor

me viu e saiu correndo; era uma "corrida" fora do normal, parecia até desumano. Apressei-me e fui atrás para saber do ocorrido, mas era impossível acompanhar aqueles passos.

Ao chegar na escadaria principal, a casa parecia já vazia, olhei e procurei por todos os cantos e não pude encontrar se quer uma alma viva. Sentei em uma cadeira no cantinho da sala e tive a surpresa quando olhei para o teto, estava atulhado de morcegos. Naquele momento foi que me caiu a ficha, aquele senhor que abrigou não era um ser normal.

Saí desesperado, gritando pela rua. Como pude não perceber antes, estava totalmente cercado; uma estrada cheia de vampiros ferventes, porém desesperados, pelo sol que àquela hora, começava nascer. Foi quando vi uma vasta fumaça devastar todo o local, e o que restou, foi apenas eu.

Pesadelos de infância¹⁵

Lá pelas noites mais escuras da minha infância, quando a lua se escondia e os morcegos formavam nuvens desfiguradas a se moverem pelos bosques. Por essa época, ao me deitar, quando mamãe ou papai apagavam todas as luzes da casa eu podia ouvir embaixo da cama o murmúrio dos meus pesadelos mais assombrados. O medo nessas horas surrava meu corpo e tudo que desejava era ver surgir novamente à luz do dia...

Olá, ainda não me apresentei, talvez não queira, mas, por educação irei fazê-lo. Meu nome é Marcos Prato, hoje adulto e bem casado. Montei recentemente um escritório de contabilidade e vivo feliz com minha esposa Isabel e meu filho Leonardo. Mas algumas lembranças ainda me apavoram vez por outra diante de uma tempestade

¹⁵ Júlio Cesar da Costa nasceu em 1 de dezembro de 1972 na cidade de Alfenas sul de Minas gerais. É formado em Agropecuária pelo instituto federal, Ciência e tecnologia -- campus Barbacena sudeste de MG. É autor de muitos poemas, contos, romances e uma peça teatral. Também faz música nas horas vagas.

noturna quando perco o sono e fico a me virar de um lado para o outro, desesperadamente na cama. Talvez vocês estejam se perguntando o que tanto me apavora até hoje do alto de meus trinta e cinco anos, pois ainda me estremeço como se estivesse prestes a morrer de medo. Muito bem, vamos voltar no tempo, quando eu mal havia completado sete anos de idade. Gostava de brincar com outras crianças, subir em árvores e nadar no riacho que ficava perto da minha casa. Vamos rever minha professora, bela mulher de cabelos ruivos e movimentos extravagantes que acertava mais nas risadas que na aritmética.

Por esse tempo, um de meus coleguinhas se suicidou no pátio que dava para minha sala, eu podia vê-lo enforcado no pé frondoso de um limoeiro italiano. Seus olhos estalados para fora do crânio e a língua roxa saltada para baixo, imóvel e triste. Sim, eu ainda podia vê-lo; apesar de que se fosse possível, pagaria qualquer preço para que isso não acontecesse nunca mais com ninguém. Mas o fato é que desde então, sempre a noite, quando tudo se aquietava, lá vinha o fantasma, com os mesmos gestos, gemidos,

lamentos e outras coisas desagradáveis. Nunca contei nada para meus pais, guardava segredo absoluto sobre tudo.

Em uma noite, na qual dava para ver as estrelas no céu e um luar misterioso e calmo por trás das montanhas, acabei adormecendo, com o som do vento zumbindo em minha janela, ao recordar todas as coisas que acontecera durante aquele dia. De repente, me vi em uma floresta escura e tenebrosa. Eu corria de um lado para outro procurando uma saída, mas não havia, era mata fechada e por mais que tentasse, já sabia que estava perdido de vez. Foi quando percebi uma clareira e em disparada pulando sobre galhos, me retorcendo em cipós e tropeçando em raízes, cheguei a um lugar diferente; diferente mesmo! Era um enorme descampado de terra, pensei que alguém cultivava por ali e fui indo devagarinho, passo a passo pisando naquela terra vermelha e macia. Então eu notei que nas copas das árvores haviam coturnos de soldados. Eles estavam pendurados pelos cadarços. Que curioso! Conversava com meus botões, que diabos são essas botas presas nos galhos? Foi quando percebi que não mais

conseguia me mover, pois havia ficado com os pés presos no solo... A terra solta engolira meu corpo quase inteiro. A floresta se tornara ainda mais escura e por toda parte surgiram fantasmas que se arrastavam estendendo os braços descarnados em minha direção. Sim, eu estava em um antigo cemitério da Segunda Guerra Mundial, bem naquele lugar acontecera a última batalha e o exército alemão fora rendido e executado pelos aliados. Agora aquelas almas perdidas queriam me levar com elas; fugi o quanto pude, mas no final fui encurralado e estava prestes a ser, sei lá, talvez levado para o inferno com corpo e tudo; quando me despertei. Eu havia tido mais um pesadelo horrível e, a noite ainda estava apenas no início.

Tentei dormir novamente, mas o pesadelo não saía da minha mente; a cortina da janela com a vidraça semiaberta se agitava e tudo parecia ficar ainda mais assustador. O grande relógio cuco badalou três da madrugada e meu sono nada de voltar. De repente, por um instante, tive a impressão de ter visto um vulto por detrás da maldita cortina, mas, olhei outra vez e não vi mais nada.

Respirei aliviado, fiz o nome do pai e fechei meus olhos. Meia hora depois tive a sensação de que o quarto estivesse mais frio que de costume, puxei outra coberta e me virei para o canto. Algo ou alguma coisa raspava o piso debaixo da cama; parecia unhar com desespero para chamar minha atenção. Com muito medo, lentamente me esfregando pela cama afora, levantei o lençol e de uma vez olhei em baixo da cama, foi quando avistei, no canto da parede, dois olhos vermelhos; comecei a gritar completamente paralisado de medo. Então meu pai entrou e acendeu a luz; não havia mais nada lá, por certo o fantasma tinha ido embora. Tentei contar para meu pai o ocorrido, mas ele me disse para não deixar a imaginação tomar conta de mim. Não houve jeito, tive de voltar para a cama. Novamente aquele barulho estranho recomeçou me incomodando ainda mais! Dessa vez não tive coragem de olhar debaixo da cama. E nem fora preciso, pois o maldito fantasma apareceu de pé bem ao meu lado. Era o vulto de uma mulher, toda descabelada, roupas rasgadas e olhos vermelhos como o cão. Ela disse-me sussurrando ao ouvido:

— Fui uma mulher fraca, com a morte de meu filho, também me matei.

Olhei melhor para aquela figura decadente e percebi que era a mãe do meu amigo que se suicidara na escola. Não estava entendendo nada. O que aquele fantasma queria de mim? Teria voltado dos infernos só para me aterrorizar? Ela me olhou, se é que posso chamar de olhar o jeito que aquele demônio me observava. Então me disse:

— Amanhã vá até o túmulo de meu filho. Lá você terá a resposta para todo esse mistério.

Bem, esse foi outro problemão, pois como descobriria o lugar que meu amigo estava sepultado? Pedir ajuda para meus pais seria inútil, nunca acreditariam em uma palavra sequer do que dissesse a eles. O jeito seria encontrar sozinho. Mas como? Logo pela manhã, na mesa do café, minha mãe perguntou-me o que havia acontecido a noite para fazer tamanho escândalo. Meu pai tomando a palavra disse que eu tivera um pesadelo, algo muito normal para minha idade. Depois, me apressando, disse que me

esperaria no carro, pois minha aula começaria às sete e já eram seis e quarenta. Meu pai era um pouco difícil, mas um tanto amável com a família. E eu gostava muito dele e de minha mãe. Bem, como de costume papai deixou-me na portaria do colégio e se despedindo seguiu para o trabalho. Na ida para casa era sempre mamãe que me buscava todos os dias.

A coisa teria que ser feita da seguinte forma, ponderava comigo mesmo. Eu tinha uma leve impressão de onde ficava o cemitério, bastava tirar mais algumas informações para chegar ao destino certo. E assim fiz, perguntando discretamente até obter a informação que precisava. Cheguei ao cemitério, mas não sabia onde ficava o túmulo do meu amigo. De repente vi uma nuvem de pássaros marrons voando e batendo contra um jazigo. Fui até lá e não é que era o local onde havia sido sepultado o garoto! Fiquei observando por todos os lados para ver se notava alguma coisa de importante. Então, do lado esquerdo do túmulo vi um papel dobrado caído debaixo de uma cruz. Peguei aquele papel, desdobrei-o e nele estava escrito:

“Quem está sepultado aqui é meu filho, Arnaldo Correia Meirelles da Silva, motivo de sua morte foi que ele descobriu que eu estava traindo seu pai com outro homem. Descobriu isso, porque ao entrar em meus aposentos presenciou-me nos braços de meu amante e para que meu filho não contasse nada a ninguém, proibi-o de dizer qualquer palavra sobre o ocorrido, ameaçando que o castigaria horrivelmente caso falasse alguma coisa. Fui muito má com meu filho, ele não suportou a situação, vindo dias depois a se matar. Pobre criança! Como castigo, meu amante me abandonou e voltou para sua legítima esposa. Eu estava apaixonada por ele e com a perda de meu filho, pus termo à vida e meu corpo nunca fora encontrado. Minha alma vive vagando, pedindo perdão a Deus, mas não tenho resposta e continuo me martirizando pelas noites escuras do mundo. Portanto, se todo meu pecado ficou guardado no silêncio de uma criança, somente outra criança há de me libertar. Meu caro Marcos Prato, encontre meu marido e conte toda a verdade a ele e, se ele não acreditar em você, entregue-lhe também a carta que escrevi após minha morte. Lembre-se, essa alma depende do seu sucesso!”

Não podia acreditar no que estava acontecendo comigo. Aquele fantasma me dera uma missão e eu haveria de cumpri-la. Voltei para a porta da escola e fiquei esperando mamãe me buscar. Dentro do carro ela me perguntou como fora na escola e claro que tive que mentir para ela, disse que corriera tudo como de costume e que eu me saíra muito bem nas matérias do dia. Por hora tudo estava resolvido, mas sabia que a diretora reclamaria a meus pais a minha falta.

Voltando ao caso do fantasma, eu segurava a carta aberta nas mãos em meu quarto e não sabia como acharia o pai do meu amigo que se suicidara. Se ao menos a alma da mulher tivesse anotado o endereço num dos cantos da carta, mas não havia nada marcado em nenhum lugar do papel; a única coisa que sabia era que tinha de agir rápido ou aquela assombração voltaria furiosa a noite para me assustar.

Falei à minha mãe que iria brincar um pouco na rua com meus amigos e por sorte mamãe deixou; peguei minha bicicleta e me pus a procurar pelo Douglas: esse era

o nome do tal marido da fantasma. Não demorou muito e cheguei até uma residência simples, mas, bem cuidada, toda branca com cerca no quintal. Como era uma cidade pequena não fora difícil localizá-la graças as informações de algumas pessoas.

Ah, vocês devem estar se perguntando também, como pode eu sendo amigo do garoto não conhecer seus pais? Isso é fácil de explicar: sendo eu uma criança de apenas sete anos e ele mais ou menos com essa idade também, não me importava muito em saber detalhes sobre a vida de meus coleguinhas. Queria apenas brincar, correr, jogar bola; apesar de ter estado algumas vezes frente a frente com seus pais... Uma bela senhora de cabelos longos e um senhor bonachão, mas, foi só isso e nada mais.

Voltando ao caso, cheguei até a porta e bati. Não é que o próprio senhor Douglas em pessoa me atendeu. Estendeu suas longas mãos para mim e disse que se lembrava de ter me visto junto a seu filho algumas vezes. Disse isso e começou a chorar; em seguida me convidou a entrar, me sentei à mesa dele e me serviu bolachas

recheadas com morango, comi algumas e quis logo lhe dizer o que me levara a ir até sua casa. Ele estava curioso e fui direto ao assunto; contei-lhe tudo. Falei do fantasma de sua mulher e o que ela havia me pedido para dizer-lhe. De início o senhor Douglas me olhou com certo descaso, mas em seguida ficou possesso e quis quebrar a casa toda. Me levantei e saí correndo, mas ele me agarrou pela gola da camisa e me pôs de volta à mesa sobre uma cadeirinha de madeira. Com lágrimas nos olhos perguntou-me se era verdade tudo que lhe contara, disse-lhe que sim e lhe entreguei a carta. Ele não podia acreditar, era a caligrafia verdadeira de sua mulher que havia falecido há mais de um ano e a data era atual. Ela pedia perdão por seu imenso erro e dizia que seu filho estava com ela e ambos presos na escuridão mais fria e fétida que os espíritos atormentados experimentavam.

O senhor Douglas de joelhos me agradeceu e disse-me que a amava muito e que sentia muito sua falta, mas a perdoaria, pois ela e o filho havia sido o que de

melhor acontecera em sua vida inteira. Respirei aliviado e pensei com meus botões:

— Tudo deve ter acabado!

Mas, no caminho de volta para casa, reparei que algo me seguia, talvez fosse impressão, mas o fato é que pude ver claramente dois vultos ao meu lado, uma criança e uma mulher se evaporando pelos ares. Caí da bicicleta, mas tudo havia passado. Então olhei lentamente para o céu e notei que estava tudo calmo e azul - e os pássaros voavam de um lado para outro nas copas das árvores. Então cheguei em casa e minha vida seguiu dentro da rotina de sempre. Mas, ainda hoje, quando ocorre uma tempestade e os relâmpagos e trovões brigam lá fora; volto a me arrepiar e tenho a sensação de que o fantasma da mulher ainda me ronda e que me espreita debaixo da cama; e o velho ranger de dor do menino suicida que um dia fora meu melhor amigo ainda me apavora...

Quem está me ouvindo?¹⁶

A verdade é que eu não tenho ideia alguma para escrever. É mais profundo do que isso, aliás. Não me sinto *motivado* a escrever. Estar disposto não é só o primeiro passo. É o combustível necessário para todos eles. A inspiração é quase uma figura amorfa, cujo conteúdo vemos de relance enquanto ela se movimenta em nossas mentes. A arte é o trabalho de descobrir o que há no interior dessa ideia mal definida e, acima de tudo, de remover tudo aquilo que ela não é. A beleza, tal qual o conhecimento, é atingida não por um processo de construção, mas de descoberta. De remoção. De *lapidação*. Olhamos para a ideia sem formas e as definimos. É como se, de fato, estivéssemos lapidando um diamante imaginário para que tenha arestas, vértices e faces, assim como deveriam ser; ou, então, como se olhássemos um enorme paralelepípedo de mármore e, conforme Michelangelo supostamente disse numa famosa

¹⁶ Lucas Bruno Marques é nascido em Conceição da Aparecida, no interior de Minas Gerais. Graduado em Ciência da Computação pela UNIFAL-MG. Atualmente escrevendo "Os Escritos de Vênus".

fábula popular, removêssemos do bloco de mármore tudo aquilo que não é a escultura. Esse trabalho exige motivação, pois não vem sem esforço e nem em tão pouco tempo.

– Você já realmente escreveu mais 10 linhas só para dizer que não consegue escrever? Que tipo de bloqueio paradoxal é este?

Mas, naquele dia, eu estava bem mais motivado, com a inspiração mais clara, viva e forte do que está hoje. Com o tempo, as inspirações vão desvanecendo; nem sempre é possível recuperá-las. Você sabe muito bem disso.

– Tudo bem, eu sei, mas ainda não acho que é um caso perdido. Vamos pensar: como a ideia surgiu?

Você sabe... eu estava comprando algumas cervejas.

– E o que mais?

Tudo bem, vai. Vamos voltar àquele dia. Estava prestes a fechar a geladeira e pensei que, naquela noite, eu me daria por satisfeito com duas. Nem todo mundo concordou.

– Ah, qual é. Você sabe que duas cervejas não dão pra nada! Pelo menos mais uma, vai.

- Yeah, man, I agree. Last time I bought two beers and it wasn't enough, the convenience store was closed and it was a very regretful decision. Another one!

Tá bom, é verdade... mais uma, então. Não é como se isso fosse muito pra mim, mesmo. E você, por que é que fala em inglês, afinal de contas? Não faz sentido. Isto aqui é em português, lembra?

- Don't ask *me*. I'm just like this. That's how I think. And you can understand it, so shut up.

Whatever. Espero terminar aquele capítulo hoje. Nada de beber e ficar assistindo qualquer coisa. Se for pra usar as cervejas como uma espécie de elixir da produtividade, eu até relevo o levemente preocupante - e com diversos casos na família - princípio de alcoolismo.

- Pelo menos o livro sai, *né*.

É, pelo menos o livro sai. Precisava escrever para o concurso também.

Nath disse que seria um exercício legal e que não é tão restrito quanto ao que se pode escrever...

– Espero que o final tenha ficado bom. O começo está interessante, mas ainda sem muita movimentação. Pelo menos tem umas cervejas.

Como assim o começo está interessante? O que você quer dizer?

– Nada... esquece. Eu me confundi.

Confundiou-se com o quê? E como assim “pelo menos tem umas cervejas”?
Eu ainda não comecei a escrever. Você sabe disso, *né?*

– Eu sei, eu sei. Acalme-se, vai. Eu já disse que me confundi.

Do que é que você está falando? O que é que você sabe que eu não sei? Você sabe alguma coisa que eu não sei? Responda logo.

– Acalme-se, por favor. Você não está falando coisa com coisa.

Você começa com isso de “espero que o final tenha ficado bom”, como se já existisse um começo, e depois sou eu que não estou falando coisa com coisa? Isso não está acontecendo, não é possível. Você já está escrevendo, por acaso? Não, você não está. Eu veria.

- Eu não *tô* escrevendo nada, acalme-se!

Pois então eu vou escrever. Eu vou chegar à minha casa e vou começar a escrever isso, porque nada está fazendo muito sentido, e eu vou ler depois. Eu vou descobrir o que é que está acontecendo aqui.

- *Tá* bom, estamos em casa, pode escrever. Muito bem, você está motivado agora. Isso é bom, não é bom? Agora você vai terminar de escrever porque tem energia. De nada, aliás.

E você quer que eu acredite que fez isso somente para que uma motivação fosse gerada e eu então pudesse escrever? Olhe, é uma boa mentira, mas eu sei que é uma mentira, lembra? Eu sei quando você mente. Sou eu quem dita as regras aqui. Sou eu quem faz as perguntas. Estou achando tudo muito estranho. Eu vou começar a escrever e vou fazer uma única pergunta, é melhor você responder: QUEM É QUE ESTÁ ME OUVINDO?

— Não há ninguém ouvindo! Você está falando consigo mesmo! - você diz, inconformado por não entender de que lugar vem meu questionamento.

Sua lógica lhe diz claramente que não há ninguém me ouvindo. Parece até que tirei isso do nada, como que para me assustar, mas você sabe que não. Tudo bem, vamos pensar um pouco. Por que é que você me responde, então? Se me responde, é porque ouve minha pergunta ou a recebe de alguma forma.

Talvez a sinta, talvez a veja, talvez a experimente de maneiras que meus sentidos não são capazes de emular. Talvez esteja lendo, mas a recebeu e a respondeu.

E como eu sei que me respondeu? Será que inventei? Porque o ouvi me respondendo, mas não escuto seus pensamentos. Definitivamente, não escuto pensamentos de mais ninguém. Bom, pelo menos de ninguém que não seja eu... ou, até agora, sempre pensei que todas as vozes que falavam em mim eram *eu*. Se te invento, você sou eu também, não é?

Mas não posso parar de pensar: e se você não for minha invenção? Pois, se eu ouvi sua resposta, é porque houve uma, o que significa que você está me ouvindo. Isso também significa que eu o ouço, ou pelo menos o ouvi uma vez. Está ouvindo isso? EU CONSIGO OUVIR VOCÊ TAMBÉM.

- Espera. Quem está de fora ouvindo quem? Você ou eu? Você... sou eu? O que eu ouço é você ou sou eu? E o que eu digo? Sou eu quem está falando agora, não é? **SOU EU QUEM ESTÁ FALANDO AGORA?**

Ele precisa ser acalmado. Está tendo uma crise, e isso pode ser muito perigoso. Preciso intervir.

— Acalme-se, por favor... Respire devagar. Eu já passei por isso e sei como é, mas vai passar. Só preciso que você faça uma coisa por mim: inspire contando até três, então expire contando até cinco. Um, dois, três. Um, dois, três, quatro, cinco. Muito bem. De novo, por favor. Um, dois, três. Um, dois, três, quatro, cinco.

Eu não tenho outra escolha, agora eu preciso mentir para ele:

- Escute-me, por favor. Eu sei que você pode me escutar. **VOCÊ É REAL**. Você precisa se acalmar. Precisa parar de pensar nisso. É melhor dormir. Amanhã, tudo vai ser passado. Foi só mais um momento em que pensamos demais. Digo, você pensou demais. Foi só isso.

Vou me deitar. É hora de dormir. Não posso mais continuar, vou acabar fritando meus miolos. Vou

tentar. Fechar os olhos, respirar devagar, desaparecer. Fechar os olhos, respirar devagar, desaparecer. Droga, já faz bastante tempo e nada de dormir. Vejo um amontoado de cores, mas meus olhos estão fechados. Escuto ruídos, mas o quarto está tão silencioso... estranho.

Fechar os olhos, respirar devagar, desapare... Chiado. Ouço um chiado. Estática. Tudo é preto e branco, alternando-se de tal forma que de longe é apenas cinza. É uma TV antiga. Rodo um dos botões e coloco no primeiro canal. Que estranho: sou eu. No segundo, também sou eu – um *outro* eu, parece, mas não pode ser. Eu estou aqui fora, não estou? Estou assistindo, *ué*.

Vejo um amontoado de cores, mas meus olhos estão fechados. Escuto ruídos, mas o quarto está tão silenci... Bom, parece que acordei. Não sinto mais os sintomas da crise de ontem. Dormir foi uma boa ideia, mesmo, apesar de ter dormido pouco. Acho que estou bem. O único problema é que não consigo evitar totalmente e, às vezes, ainda me pergunto, lá no fundo: *você ainda está me ouvindo?*

Reflexo¹⁷

Mamãe, eu fiz um amigo novo. Se lembra daquela casa antiga, na qual nós morávamos? — acho que fica no interior de Oregon. A senhora saiu de lá comigo quando eu tinha cinco anos, agora eu voltei, senti saudades... Mesmo tendo se passado apenas três anos. Nós saímos, porque você disse que ela é assombrada. Meu amigo mora nela, mamãe. O nome dele é Víctor, o mesmo que o meu, não é engraçado? Mas, mamãe, ele se machuca, e é muito solitário e triste. Eu acho que ele não se importa, apesar disso. Víctor me contou várias coisas legais, me falou sobre a família dele, eles... Como era o nome mesmo? Ah! Eles levam as almas das pessoas para um lugar melhor. O que isso significa mamãe?

¹⁷ Michele Cristina Vianna Fiorin é nascida em Cachoeiro de Itapemirim - ES, no dia 31/01/2005. Tem 14 anos, estuda na Escola Estadual Professora Hosana Salles e está no nono ano do Ensino Fundamental.

Victor me mostrou a casa inteira. Ele é a pessoa mais legal que já vi em toda minha vida, só que tem uma coisa me incomodando, mamãe... Essa casa é cheia de espelhos, da parede até o teto, eu me sinto perturbado... Eles me observam. Mamãe, isso é normal? Ele me mostrou o quarto dele, é um pouco assustador, os espelhos estão vermelhos e... Isso é sangue? Eu me sinto mais desconfortável a cada segundo que passo aqui. Mamãe, eu acho que estou com medo, mas eu não deveria ter medo, Victor é meu amigo, não é?

Eu ouvi alguém sussurrar: "Você está morto". Como assim... morto? Eu me sinto bem. Os espelhos se multiplicaram, parece que todos eles estão me encarando, mas isso faz sentido, certo? Eles só estão me encarando, porque eu estou os encarando, afinal eles são... Eu? Mamãe, acho que enlouqueci, não consigo parar de rir, o que aconteceu comigo?

Victor. Ele apareceu de novo. Quando sumiu? Ele me encara com um sorriso de dentro do espelho, macabro... Um sorriso de orelha à orelha, literalmente. Eu não mencionei isso, não é? Victor está preso nos espelhos. Ele

começou a falar algo sobre o "mundo" dele, ele diz ser um lugar maravilhoso e que só existe uma cor por lá: vermelho. Não entendi bem o resto, mas parece ser um lugar legal. Víctor quer que eu vá com ele, mamãe, eu vou ou não? Sua mão se estendeu para fora do espelho, sua face foi borrada somente para mostrar a minha. Víctor me prometeu várias coisas incríveis, mamãe... Ele disse que não vai me deixar sozinho nunca. Eu já me decidi, vou ir com ele. Víctor me contou que pode doer um pouco e que eu vou ver tudo ficar preto, mas tudo bem, mamãe... Ele prometeu me levar até você.

A Régua¹⁸

Para quem passou os últimos anos em alguma caverna, é preciso dizer que o então presidente, diante das recentes investigações, resolveu os problemas da educação moral, da impunidade, da receita federal e da baixa qualidade da programação brasileira com uma canetada só. Disse: “Realmente, comutar-se-á, definitivamente, a pena dos condenados”. Polêmica. Apupos. Perdigoto. O burburinho nos ônibus foi insuportável durante semanas até que apareceu a determinação.

Quebrou-se o protocolo de se presentear o condenado com uma tornozeleira. Solucionaram a barbárie. Todos os condenados por crimes políticos seriam levados para o Maracanã. Um de cada vez, eles passariam uma semana lá amarrados no meio de campo e passando a pão e água, servidos em cuias de queijo Palmyra. Previamente seria feito um sorteio para a participação do evento. Todos

¹⁸ Rafael Bonavina Ribeiro, 28 anos, nascido em São Paulo, é estudante de Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

os cidadãos teriam o dever cívico, semelhante à obrigação do voto, de comparecer, caso fossem sorteados para desempenhar essa função essencial à nação.

Todos os dias da semana, inclusive feriados, sábados e domingos; os sorteados compareciam ao estádio e perfilavam-se às centenas. Aqui alguém pergunta: afinal, que diabos fazem na fila? Apesar de a fila ser autojustificada em certas regiões do país, pois seria possível entrar em uma só pelo prazer de chegar a sua vez de sair dela; o caso é que cada um receberia, em seu turno, um objeto para fustigar o político algemado. Havia, claro, alguma variedade para que o cidadão pudesse escolher conforme sua personalidade, mas os mais comuns eram: tomates e ovos podres; água gelada dos rios das metrópoles; paus, facas, cassetetes e armas brancas em geral; etc.

Antes de seguir com a descrição do evento nacional, de aprovação inigualável na história desse país, vale ressaltar, para um leitor desavisado: tudo isso corria muito bem até os engraçadinhos que resolveram usar poemas trilingues de jovens promissores. Foi um escândalo.

Espumando pela boca e tentando perfurar os próprios ouvidos, os beletristas de plantão foram levados às enfermarias mais próximas. Advogados gritavam por causa do uso de tortura psicológica. A maior parte da população balançou a cabeça em desaprovação. Em reunião extraordinária, o Senado decidiu que não seria mais permitido o uso de microfones. Essa escolha não agradou. As pessoas gostavam de ir ao palanque e gritar improperios para os condenados. A bilheteria caiu um pouco, mas nada significativo o suficiente para valer nota explicativa.

A bola da vez era julgada durante a transmissão, obrigatória e nacional, das 11h às 15h. Não havia botequim que não tivesse sua televisão de plasma para o regozijo. Porém, para alguns, isso não bastava. Alguns queriam estar lá para ver. Assim é que se resolveu o problema da Receita Federal. Vendiam-se ingressos a preços exorbitantes e o montante ia direto para o Leão. Claro, muito dinheiro disso seria desviado, mas isso era até incentivado, precisavam manter a máquina girando. Sem o escorraçar público dessas pessoas, que mais se haveria de fazer com toda essa gente? Mais do que isso, os corruptos

eram mais necessários do que nunca e, por incrível que pareça, rareavam. Depois de algumas semanas todos já estavam acostumados e programavam-se de acordo com suas preferências. Evitava-se um por filiação partidária, outro por um sorriso simpático, mas sempre havia um que a pessoa fazia questão de parar sua vida para vê-lo sofrendo um pouco.

Nas primeiras ocorrências, confesso que até me chocaram um pouco, só se encerrava a Régua, como foi chamado o evento, com a morte do condenado. Mas isso, francamente, era um tédio, porque não tínhamos ainda compreendido os meandros de nossa invenção. Éramos um regime jovem, ainda em fase de testes, engatinhando. Portanto, demorou cinco meses para que conseguíssemos matar o primeiro às tomatadas. Depois passamos a parar quando os víssemos chorando feito crianças e implorando perdão pelo amor de Deus, mas isso começou a ser rápido demais.

Então houve uma reunião com os dirigentes do programa. Decidiram duas coisas: 1) Só se pararia com a morte, pois os índices eram melhores assim; 2) cada

cidadão poderia trazer o que quisesse de sua casa para o evento, com algumas exceções.

No começo era até engraçado, pois as pessoas eram criativas e elas começaram a trazer aspiradores de pó, areia de gato suja, papel higiênico, rolos de macarrão, chapinhas de cabelo, Bíblias, sapatos de todos os tipos e tamanhos, panelas, pneus velhos, caibros, facas, gasolina, soda cáustica, enfim, toda sorte de objetos que se encontra em casa. A demanda por novos contraventores era tamanha, que os condenados dessas operações grandes de desmantelamento de máfias já não davam conta das necessidades do mercado. Então as leis começaram a ser cada vez mais rigorosamente aplicadas, mas foram barradas rapidamente, pois as cadeiras cativas do estádio não queriam ver um pobre nem que fosse para ser apedrejado.

Isso só mudou quando o programa foi suspenso por tempo indeterminado, faltava contingente. Muitos acreditaram que seria para sempre e, com previdente razão, agradeceram por isso. Já havia rumores de que um dos participantes só havia jogado uma bituca de cigarro no chão.

Deu até no rádio. Por óbvio, esclareceu-se rapidamente, não passava de boataria inconsequente, ele havia apagado o cigarro em uma criancinha que passava sob sua janela quando ele dispensou o cigarro. Os equivocados foram intimados a prestar explicações públicas e, no fim das contas, pediram desculpas pelo descuido quanto às informações de suas fontes. Passados alguns meses da suspensão do programa, apareceu outro escândalo de corrupção. Investigações, mídia, apupos e o tradicional Fla-Flu político.

Eis que voltaram a passar a Régua. No entanto, havia uma diferença crucial: os objetos para a punição agora seriam escolhidos por uma comissão e disponibilizados para o público. Deixando a cargo do povo, rapidamente se esgotavam os condenados. Todo mundo sabia que não passava de marmelada: os primeiros dias do preso eram sempre regados a patos de borracha, cobras de mentira e uma ocasional corrente de ferro para maquiagem. Quando o povo começava a cansar do sujeito, logo aparecia uma espingarda, uma faca ou algo assim para que o programa pudesse se livrar do inconveniente. Buscando

evitar a repetição de alguns lamentáveis casos, foram proibidos também os guarda-chuvas e a penetração em quaisquer orifícios.

Tudo corria na mais santa paz. Todos os dias, lá pelo horário de almoço, o povo se juntava em frente à televisão para ver a Régua passar. Um tanto monótono, admito, se não fosse a necessidade de alguns cidadãos de tentar destacar-se mais do que o seu antecessor. É bem engraçado de ver como as pessoas conseguem inventar jeitos criativos de se usar uma colher.

Um caso que ficou famoso foi o de uma moça que ninguém se lembra do nome. Ela recebeu o privilégio de poder usar um belo fuzil de assalto IA2 novo em folha. Era coisa raríssima de acontecer! Quando ela girou a roleta e a ponta caiu no fuzil, todo mundo vibrou, exceto, por óbvio, os próximos da fila, que pareceram bem desapontados. Porém, ao invés de ela espalhar os miolos do desgraçado pelo gramado, ela resolve fazer um tipinho e atira na própria cabeça. Parece que foi uma espécie de protesto contra o dever do cidadão. Tratava-se, evidentemente, de um membro da “Curva”, uma organização terrorista contrária à

Réguia. Ainda hoje temos graves problemas causados por esse grupo de criminosos e estamos fazendo de tudo para tentar dismantelar o programa, mas ele parece muito articulado e fragmentário.

Foi com as eleições presidenciais que o problema veio à tona. Um dos candidatos era evidentemente curvista e pregava seu discurso subversivo em rede nacional. Por causa dele, começaram, também, a passar a Réguia durante o jantar, no horário nobre. Essa segunda edição era dedicada apenas aos que fossem condenados por serem membros dessa organização claramente terrorista. O candidato curvista foi o primeiro condenado a participar do programa e o segundo foi um dos cidadãos curvistas que se recusaram a usar o objeto designado para ser usado contra o candidato.

Por algum motivo ainda hoje debatido nas universidades o programa fez muito sucesso. Alguns dizem que é por ninguém se importar com quem fosse contrário a um programa de televisão, todo mundo queria ver um político corrupto levar um coice de asno na boca ou algo do

tipo. Apesar da péssima audiência, a Régua continuou a passar no horário do jantar.

Novamente houve uma crise de abastecimento da Régua da tarde. Alguns canais oposicionistas diziam que isso foi causado por causa do crescente medo da ridicularização pública. Isso indicou dois problemas: em primeiro lugar, uma insustentabilidade da conjuntura atual; e, tangencialmente, um aumento do número de curvistas infiltrados nos principais meios de comunicação de massa.

Tendo em vista o fracasso da medida anterior, passou-se, então, a fazer duas versões do segundo programa. O estoque de curvistas era bem grande a essa altura. Infelizmente a audiência despencou. Ninguém mais estava interessado em ver pessoas absolutamente desconhecidas sofrendo apenas por tentarem acabar com um programa de televisão, muita gente era até favorável, pois a Régua da noite era considerada razoavelmente desinteressante em relação à antiga, que passava no horário de almoço. As gerações mais antigas – os nostálgicos, por assim dizer – preferiam a época em que só passava a Régua da tarde, mas é natural que os mais velhos

pintem o passado de dourado. A verdade é que os dois programas sempre foram iguais: pessoas sendo punidas por seu desserviço à nação.

Para acalmar os ânimos, resolveram propor uma mudança: todas as empresas deveriam disponibilizar televisores em seus escritórios para que os trabalhadores pudessem assistir à maravilhosa programação estatal enquanto exerciam suas funções. Reconhecendo que boa parte das histriônicas participações populares não passava de mais do mesmo, os dirigentes previam uma queda de apenas 3,02% na produtividade, ou seja, na prática, seria irrelevante, ao invés de verem gatinhos, as pessoas assistiriam ao programa. Como toda nova lei, foi rejeitada, ou melhor, aceita apenas aos olhos anglo-saxões, como dizem por aí. A venda de televisores varreu as estantes, mas as contas de luz não aumentaram. Evidentemente não estavam ligando os aparelhos.

Era preciso mudar drasticamente a abordagem em relação à Régua, pois a audiência era quase zero. Tendo isso em mente, criou-se mais uma reunião extraordinária que ficou conhecida como “A Régua da Régua”. Agora, a

primeira versão passaria durante todo o expediente. Fora do horário comercial, a Régua costumeira no ar. Todos deveriam manter as televisões ligadas sob risco de condenação por atitude curvista.

O ibope subiu muito, o que indica o sucesso da medida. No entanto, um dos produtores notou, ao passar por uma repartição pública, que as pessoas tiravam o som das televisões. Quando questionou os funcionários sobre a prática, disseram-lhe que todo mundo fazia aquilo, afinal, quem consegue trabalhar com a gritaria? Felizmente o produtor trouxe a público essa informação e começaram as campanhas de conscientização pública. Infelizmente não foram bem-sucedidas, então contrataram fiscais que faziam inspeções periódicas nos estabelecimentos comerciais, repartições públicas, escolas, domicílios e até nos velórios.

As pesquisas de aceitação do programa indicavam um sucesso incontestável e os cofres públicos transbordavam. No entanto, os estádios estavam vazios. Parece que todo mundo preferia assistir às “Réguas” no trabalho ou em casa. Afinal, se o programa era televisionado em todos os canais durante o dia inteiro, por

que assistir o espetáculo pessoalmente? É compreensível que o cidadão preferisse assistir à Régua do conforto do lar, entre familiares. Então, em nova reunião, decidiu-se que, além do sorteio dos participantes, também seriam escolhidos ao acaso os espectadores presenciais. Todos os convocados deveriam comparecer obrigatoriamente sob risco de condenação de participação compulsória como curvista.

Mais do que nunca grupos curvistas e suas diversas derivações, cada uma especializada em um tipo de resistência, ganhavam força. Conseqüentemente, as “Réguas” apressavam-se em dar cabo dos condenados. No começo era muito comum passarmos semanas às tomatadas e estilingadas de mamona na cara, mas, por causa do aumento no número de condenados, não raro em uma semana, vários participantes eram agraciados com a oportunidade de usar um revólver, por exemplo. Era preciso correr para conseguir dar conta de toda aquela gente.

Aos poucos, os piedosos começaram a, deliberadamente, errar os tiros, mirando para o alto em sinal de protesto. Por isso, outra vez foi necessário fazer

uma reunião, pois o programa estava um tédio. Os gastos com munição eram altíssimos e os resultados, pífios. Praticamente, ninguém mais morria e as filas aumentavam muito, havia quem esperasse meses por sua execução. O problema da superlotação carcerária ressurgia. Uma nova regra foi deliberada: quem estivesse na fila de participantes deveria, necessariamente, acertar o alvo, sob risco de condenação por condolência a um curvista.

Isso teria solucionado bem o problema, não fosse a inabalável bondade humana. Acertava-se os balaços nos ombros, joelhos, mãos, pernas, etc. Era um sofrimento longuíssimo até que os condenados morressem por hemorragia, mas nem todo mundo era bom de mira e acaba errando sem querer. Não teve jeito. Nova reunião, nova lei: só serão considerados tiros certos aqueles que acertarem em órgãos vitais, do contrário, seria considerado como uma tentativa de resgate de conspirador curvista. O cidadão de bem teria cinco tentativas antes de ser considerado um elemento deletério na sociedade.

Nossos diretores esqueceram-se de um pequeno detalhe. Depois do desarmamento, a maior parte

da população não sabia atirar. Então se recrutavam os futuros participantes para programas futuros e eles eram matriculados em um programa de treinamento. Em primeiro momento, era ensinado apenas a atirar de maneira precisa. Foi dito que era para evitar a condenação de cidadãos inocentes, desejosos de cumprir seu dever cívico de participar honestamente do programa.

Logo em seguida, houve um escândalo por causa de um tiro que saíra pela culatra. Um jornalista disse que isso aconteceu pela baixa qualidade das armas utilizadas no programa, causada pelas recentes exigências de atenção ininterrupta à transmissão e o aumento no número de fiscais. De acordo com ele, os fabricantes das armas eram obrigados a produzir, por exemplo, fuzis enquanto olhavam para os monitores, o que aumentava o número de falhas nas ferramentas e os acidentes de trabalho em todas as áreas.

Depois da condenação do jornalista, demorou para os diretores resolverem o problema. Realmente, o treinamento era precário e não haveria futuro para o programa se nada fosse feito. De acordo com o protocolo de

pronunciamentos não relacionados à nomeação dos condenados e de seus crimes, os diretores tranquilizaram a população: as mudanças aproximavam-se e seriam drásticas, mas o programa não mudaria. Era tudo pelo bem da Régua.

Novas leis foram assinadas pela Diretoria: o treinamento não mais estaria vinculado às futuras transmissões das “Réguas”, pelo contrário, seriam duas instituições absolutamente diferentes. As “Réguas” continuariam como elas eram, exceto pelo fato de que se juntariam em uma grande Régua só, pois o povo já estava acostumado com o seu formato. O Maracanã foi renomeado para “Central Nacional de Transmissão”, ou CNT, para os íntimos. Por outro lado, o treinamento mudaria completamente. Em primeiro lugar, passaria a chamar-se TOC, Treinamento Oficial de Cidadãos. Qualquer pessoa acima de 10 anos seria levada para um centro de treinamento, onde receberia a educação necessária para sua justa contribuição com a Régua. Além de aprender a atirar, ele seria instruído em relação aos deveres cívicos implícitos na participação do programa, seja ela qual for, de

convidado de honra, condenado ou espectador presencial. Também aprenderia algum ofício vinculado aos bastidores da realidade do programa. Por exemplo, o jovem cidadão, que se destacasse, aprenderia o nobre ofício de consertar aparelhos de gravação; outro ligeiramente menos afeito à transmissão, seria técnico de televisores; mas o maior privilégio era ser fiscal, ter nas mãos o poder de, ativamente, contribuir com o programa trazendo novos condenados que fugissem às diretrizes.

O nível de profissionalismo nas participações dos atiradores tornou-se salutar depois de uma geração. Se antes um condenado agonizava durante horas com um tiro no rim, agora mal sentia a bala entrando e já estava com São Pedro botando os nozes fora. Também melhoraram as atitudes daqueles em relação ao dever cívico do tiro. Na época em que as armas se tornaram praticamente cotidianas, às vezes, o sujeito se colocava a chorar balbuciando palavras absolutamente estranhas, evidentemente vindas de uma mente confusa e doentia, como “Eu não quero matar ninguém!” ou “Não me obriguem

a fazer isso, pelo amor de Deus!”. Nesses exemplos, encontra-se a ideia curvista de os condenados serem gente.

Embora haja divergência entre os historiadores se isso ocorreu na 25ª ou na 26ª temporada, é possível afirmar categoricamente que nessa época houve muitos protestos. Os revoltosos não tiveram condições de competir com o *esprit-de-corps* dos novos homens, os cidadãos-retos. Rapidamente as rebeliões foram suprimidas e seus participantes, condenados, por evidente conduta curvista.

O massacre dos opositores fez com que crescesse o terrorismo. Durante uma semana foram explodidas diariamente as antenas de transmissão do sinal de televisão, ou o sinal era interrompido por alguma mensagem confusa e delirante. O grupo responsável por essa sabotagem inconsequente não foi encontrado até este momento.

Enquanto as autoridades procuravam os culpados, surgiu outro problema. O que fazer com os cidadãos que fossem impedidos de assistir à Régua? Seriam eles culpados de atitude antirreguista? Muitos eram bem-intencionados, embora não tivessem o certificado de TOC.

Devido ao pequeno número de afetados frente ao tamanho do CNT, a Diretoria decidiu que seriam presenteados com férias coletivas todos os residentes das regiões afetadas e passariam a assistir o programa presencialmente pelo menos uma vez por ano. Embora insatisfeita, a população compreendeu que se tratava de uma situação extraordinária e acatou. O povo-reto é compreensivo e, se houver um fósforo de esperança no breu da ignorância é capaz de suportar as mais terríveis privações.

Incapazes de descobrir os responsáveis pelas explosões, a Diretoria decidiu que uma nova reunião se fazia necessária. O superintendente dos fiscais foi chamado para explicar como era possível que nada estranho tivesse aparecido nos relatórios. Dois dias depois veio a resposta por escrito. A releitura atenta feita por uma equipe de leitores experientes e incansáveis demonstrava: os funcionários só podiam fiscalizar enquanto estavam dentro das casas, depois disso cada um fazia o que bem entendesse, desde que as televisões ficassem ligadas. Os Diretores ficaram chocados. Ao contrário do ocorrido nas outras reuniões, a Diretoria cindiu-se. De um lado, os

diretores moderados exigiam que houvesse maior vigilância sobre os cidadãos. Era preciso que eles assistissem à Régua de qualquer maneira. De outro, os diretores radicais exigiam medidas mais enérgicas contra o estilo de vida que propiciava atitudes curvistas. Também foram descobertos alguns curvistas infiltrados na Diretoria, problema que foi rapidamente contornado.

Decidiu-se por uma média intermediária: foi criado o Intervalo para a Divulgação de Informações e Conscientização dos Cidadãos, cuja função era dar um caráter pedagógico aos hiatos criados pela retirada do corpo do curvista anterior e a ida até o meio de campo do próximo, que podia demorar um pouco graças à choradeira. O IDICC foi aprovado por unanimidade.

Não seria suficiente, no entanto, apenas a criação do IDICC. Depois de dias de acalorado debate, a Diretoria chegou a uma conclusão que agradou a gregos e troianos. A criação da Moradia Regional Comum. Aos poucos as casas foram retiradas dos seus antigos donos, e foram construídos MRCs em seus lugares. Os moradores das antigas casas foram alojados em unidades dentro das MRCs.

Havia em cada uma das unidades, individuais ou familiares, uma cama para cada morador, cozinha e um banheiro para cada dois moradores. O TOC foi prolongado e passaria a contemplar jovens cidadãos a partir de 8 anos.

A extinção da moradia particular era uma necessidade que foi explicada à exaustão nos IDICCs. Desta forma a população poderia se autogerir e cuidar para que não houvesse curvistas dentre os seus vizinhos. Depois de duas semanas, todos compreenderam suas razões de ser e até apoiavam sinceramente a medida. Porém, enquanto a população era informada, e as dúvidas implantadas pelo burburinho curvista eram dissolvidas, houve diversas rebeliões. Ao contrário da última, alguns, supostos, cidadãos-retos estavam dentre os revoltosos.

A Guerra Civil fez com que os diretores precisassem tomar certas providências, principalmente contra à boataria que corria solta no país. Ao contrário do que se imaginava, a aglomeração nos MRCs fez com que os grupos curvistas ganhassem força. Discutia-se nos corredores, as paredes estavam repletas de folhetos

curvistas. Um pavor! A decisão foi tomada. Os fiscais ficariam de plantão nos MRCs. Um para cada andar.

A função dos fiscais agora incluiria a preservação da ordem nos corredores: era proibido fixar cartazes, panfletos, folhas, adesivos, e avisos de qualquer espécie, exceto com permissão oficial e trajando uniforme de Arauto da Diretoria; era proibido barulho depois das 8, exceto pelo burburinho uníssono das televisões em que passava a Régua – mesmo assim em volume considerado de bom-tom; era proibido correr pelos corredores, que passaram a se chamar caminhantes para se adequarem melhor às suas funções; era proibido o consumo de qualquer tipo de substância fumígena nos caminhantes, sem exceções; proibida a circulação de não-moradores nos MRC fora do horário estipulado, exceto, obviamente, do próprio fiscal ou mediante permissão carimbada por um AD; e, por último, só era permitido conversar no caminhante sobre os espetáculos do dia, ou o costumeiro bom-dia-como-vai?.

Ao contrário do que esse esperava, isso intensificou a Guerra Civil. Então veio à tona o escândalo dos carimbos e tudo se explicou. O problema é que muitas

peessoas se apresentavam com permissões falsas e os círculos de curvistas estavam cada vez mais numerosos e amplos. Aparentemente, também, eles estavam infectando novos membros através de telefonemas. A população e a Diretoria ficaram pasmas. Não haveria limite para essa gente? Durante reunião extraordinária, um dos diretores bateu na mesa. “Realmente precisamos fazer algo imediatamente!” Mas, como tudo, as discussões demoravam demais. A resistência curvista foi ímpia. Em um ataque coordenado, conseguiram explodir a segunda CNT. Por causa dessa ação terrorista, a retaliação foi violenta. Primeiro foram grampeados todos os telefones da nação, pois era preciso encontrar e ter noção do tamanho da Curva. Enquanto a operação telefônica andava a passos largos, os currículos foram reestruturados. O TOC passou a integrar o maternal. As impressoras particulares foram proibidas e todas as gráficas passaram para a mão da Diretoria; os ADs passaram a cuidar para que nenhum material curvista fosse publicado e infectasse a cabeça dos jovens com ideias deletérias. O Compasso, braço armado da Diretoria, estava

constantemente nas ruas e era possível ouvir o zunido das balas trocadas entre eles com incômoda frequência.

O nascimento de instituições como o Compasso e as novas funções dos Arautos eram absolutamente necessárias para que não se perdessem as conquistas dos últimos tempos. As mudanças não poderiam ser deixadas para trás, pois os opositores da Diretoria queriam a volta da impunidade, a falta de moralidade, enfim, a corrupção generalizada da política nacional. Ninguém, a não ser um curvista, poderia querer isso.

Nesse tempo, os curvistas eram arrastados para fora de casa, aos berros, por óbvio, antes das 8; seus bens revirados e confiscados. Muita gente foi presa e levada para participar do programa como condenados. A imprensa escrita criticava muito as decisões da Diretoria. Por exemplo, a possível proibição do consumo de fumígenos dentro dos apartamentos foi um escândalo nacional. Todos os jornais, tanto a *Verdade da Régua* quanto os *Tempos de Régua*, espumavam tinta. Graças a eles é que hoje ainda se pode fumar dentro dos apartamentos, e os fumantes lhe são muito gratos.

A Guerra Civil correu por quase cinco temporadas. Muitos cidadãos decentes foram mortos em decorrência das ações inconsequentes de curvistas mal-intencionados. Suas táticas de guerrilha e sabotagem atrapalhavam o avanço da Diretoria. Quase toda semana alguma torre de transmissão explodia, membros do Compasso eram covardemente fuzilados em escaramuças, ou alguma linha férrea era bloqueada para cortar o abastecimento de bens de consumo, algum MRC explodido, coisas que, obviamente, só visavam prejudicar a população que precisava dos serviços da Diretoria.

Por fim, graças a uma ação conjunta dos ADs, do Compasso e de alguns cidadãos infiltrados na Curva, foi possível dar um basta às ações perversas da organização. Centenas de curvistas foram levados para cadeia, então o programa teve material para muitas temporadas. A Diretoria conseguiu vencer a guerra e pôde soltar as gravatas e desabotoar os colarinhos. Uma calmaria sem precedentes se estendeu por toda a nação. Durante esse período de restauração da ordem natural das coisas, a Diretoria pôde fazer os necessários ajustes no roteiro

magno do país, e a população se viu livre da ameaça curvista.

O sétimo filho ¹⁹

Dizem que o sétimo filho é quem carrega esta maldição; outros dizem que é quando o filho não é batizado; há, ainda, outras lendas envolvendo castigos divinos, heranças paternas ou uma poderosa oração que, quando feita numa encruzilhada, faz com que um homem, rolando igual a um cavalo, transforme-se naquele monstro. O fato é que todas as histórias envolvem um ser amaldiçoado. Nisto, eu acredito. Uma criatura daquele tipo não poderia ser considerada uma dádiva. Não neste mundo. Não sei se alguma das lendas é verdadeira, mas sei que a aberração a qual assombra o vilarejo é real. Eu mesmo a vi numa noite irrequieta.

Resido num simples povoado. Um lugar afastado de tudo. Afastado da cidade e de tudo o que é vaidade. Aqui, as pessoas são humildes e levam a vida assim não apenas porque são desprovidas de recursos que alimentam o ego,

¹⁹ Alex Alexandre da Rosa, 35 anos, nascido em Jundiá, é estudante de Letras, na instituição Mackenzie.

mas por serem fiéis às suas essências. Ainda não temos alguns recursos básicos; nem ao menos temos iluminação nas ruas, apenas nas casas, mas isso não faz falta. As noites são iluminadas pelo excesso de estrelas e vaga-lumes que ainda persistem nas noites de verão. É um lugar mágico.

Se, por um lado, não usufruímos do progresso, por outro temos fogueiras, festas juninas, comidas no fogão a lenha e, claro, muitas histórias e lendas para entreter nossas crianças. Quantas vezes nos perdíamos na noite ouvindo histórias assustadoras dos mais velhos! Morríamos de medo, não dormíamos no escuro. Com o tempo, o medo se desfez. No entanto, de uns tempos para cá, eles voltaram.

Dizem que um ser abissal, parecido com um lobo, surge às sextas-feiras de lua cheia e ataca os animais e pessoas. Em seguida, volta à sua forma humana antes de amanhecer. Assim sendo, volta a viver entre nós. As pessoas estão assustadas. Em pânico, com ódio, traçam estratégias para acabar com tal anomalia. Aquele amaldiçoado se tornou inimigo de todos.

Muitas histórias surgiram ultimamente; ataques a inocentes, vultos, pessoas que viram a besta-fera

pessoalmente. Estas ficaram horrorizadas. Desde então, andam armadas – uma atitude ingênua, diga-se de passagem. É possível ver o desespero das crianças em seus olhares carregados de temor e euforia. Pobre animal, que desperta tamanho medo em outros seres, deve ser genuinamente solitário.

As lendas deixaram de encantar e se tornaram aterrorizantes. Por vezes, é preciso ouvi-las sob outra perspectiva. A transfiguração poderia ser considerada um dom, mas não. A verdade é que o diferente assusta: melhor demonizar algo do que tentar compreendê-lo. Romantizando a luta entre o bem e o mal, o maldoso sempre será o desprovido de fugaz beleza. Afinal, uma borboleta e uma lagarta serão sempre seres diferentes, ainda que elas sejam a mesma entidade.

Eu mesmo tenho mudanças de comportamento. Quem não tem?

Todavia, o animal já está condenado. Se não for pelo seu verdadeiro instinto, será pelos mitos que se formaram em torno de si. Quem não o viu, jura que já escutou os seus uivos, os seus passos em volta da casa

atacando os galinheiros ou assombrando as pessoas. Dizem que ele rapta crianças que não foram batizadas. Até outro dia, eu mesmo não acreditava em sua existência. Parecia outro caso de imaginação popular, até que encontrei um animal sacrificado junto a ele. Nenhum outro bicho poderia ter feito aquilo. Apenas um ser maldito. Um animal meio humano, meio lobo.

Ouvi dizer que ele ataca pessoas e se alimenta de crianças, mas não creio que isso seja verdade; acredito apenas que tenha necessidades como qualquer outro animal da cadeia alimentar. Às vezes, precisamos de menos lenda, mais raciocínio... Mas eu também temo pela vida das pessoas deste vilarejo e, em todos os casos, já sei como matá-lo.

Entre as conversas com os mais velhos, descobri que uma bala de prata pode ser o fim do lobisomem. Ele nunca mais atormentará as pessoas e animais deste lugar. Também sei que, se a lenda for verdadeira, alguém perderá um filho, um pai, um irmão atencioso, pois todos que aqui moram são pessoas comuns, com vidas comuns e um enorme amor no coração. Pensei

que ele pudesse ir embora, viver em outro lugar. Mas como deixar os seus? Em que lugar as pessoas seriam tão simples como aqui? Poderiam capturá-lo, torturá-lo. Aqui, sei que as pessoas não querem fazer mal por crueldade, apenas o temem. O medo faz com que qualquer um ataque somente para se defender, assim como um animal acuado. Talvez ele também esteja com medo. Talvez... Todos os vilarejos sejam iguais.

Acredito que a horrenda criatura não queria que fosse assim. Quem sabe seja alguém que ame tanto este lugar quanto eu. Contudo, algumas coisas exigem certos sacrifícios de nossa parte, e, no fim das contas, ele também me dá arrepios.

Hoje é sexta-feira, noite de lua cheia. Sei onde encontrá-lo. Se eu estiver certo, ele se transformará à meia-noite, no estábulo dos cavalos. É lá que eu o vi voltando à sua insignificância original, na condição de homem, de amaldiçoado.

Chamei os homens mais corajosos que conheço; meus seis irmãos e meu pai. Entreguei uma bala de prata a cada um deles e os orientei a respeito do momento e do

lugar certo. Só temos uma chance, eu disse. Hoje será o fim da maldição de um ser e dos tormentos causados por ele. Espero por isso há tempos. Desde que ele surgiu, meus olhos estão cansados durante o dia. Talvez ele também espere tanto quanto nós.

Todos estão lá fora, cercando o lugar com suas armas engatilhadas para disparos arrependidos.

Meia-noite.

Estou no estábulo, pelo lado de dentro. Sinto-me perdendo a racionalidade humana. Uma fúria animalesca começa a me consumir. Esta noite... Eles ouvirão o último uivo deste animal aqui...

POSFÁCIO

Jéssica Aparecida Oliveira Freire

Keila Ketlem Oliveira

Mais um concurso literário do PET-Letras se encerra e novamente temos em mãos um e-book repleto de criatividade e emoção. O elo entre a universidade e a comunidade se materializa nestas páginas que você, leitor, nos incentivou a organizar.

Contos fantásticos são sempre surpreendentes, e o que vimos nesta obra são exemplos do que toda mente criativa pensa em seus momentos de reflexão ou insegurança. São coisas que nos assombam e nos tocam de maneiras particulares e para as quais damos importância singular.

Contar com autores de idades, origens e formas de expressão diferentes, constitui um desafio do qual jamais fugiremos. Cada imagem construída no decorrer da leitura,

cada palavra escolhida para expressar uma sensação descrita são de extrema relevância para quem, como nós, aprecia a literatura em suas mais variadas formas.

Para os autores, fica a sensação de trabalho cumprido e contemplado, afinal, seu texto está agora ao alcance de quem saberá valorizá-lo. Fica também nosso incentivo e o pedido para que não parem de escrever e de compartilhar ideias e sentimentos com o mundo, que precisa, cada vez mais, de boas descobertas, distrações e aprendizados.

Quanto ao grupo PET, fica o aprendizado imensurável de idealizar, organizar e realizar esse projeto pelo qual temos tanto carinho. Desde o recebimento das inscrições, da chegada dos textos, do convite aos colaboradores, da revisão e diagramação do livro, não há um só momento em que não pensamos no privilégio e na responsabilidade que temos em recolher os contos e deixá-los prontos para a leitura.

Resta-nos também, uma enorme gratidão a todos os envolvidos nesse projeto. Autores, colaboradores,

organizadores e a você, leitor, que é quem nos instiga a promover os nossos concursos literários.

Sobre os Petianos

Alexia Ferreira Rodrigues de França Antunes, 22 anos, estudante de Letras na Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o final de 2018.

Ana Beatriz Mamede Franco de Araujo, mineira de coração, natural de Mogi Guaçu, interior de São Paulo, 25 anos, graduada em Letras - Português na Unifal-MG. Ingressou no PET em 2015, seu primeiro ano em Alfenas, e retornou em 2020, quando fez o reingresso para cursar Letras - Inglês.

Bruna dos Santos Caetano, 22 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2018.

Carolina Adriano Rodrigues, 21 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde abril de 2020.

Fabício José da Silva, 20 anos, discente do curso de Letras da UNIFAL-MG. Ingressou no curso em 2017 e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2018.

Jéssica Aparecida Oliveira Freire, 25 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2016.

Julia Caroline Silva, 24 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2017.

Karina de Oliveira José, 21 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2017.

Keila Ketlem Oliveira, 22 anos, estudante de Letras na Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG e integrante do grupo PET Letras desde junho de 2019.

Lidiana Ferreira Gouvêa, 26 anos natural de Alfenas, formada em Letras com habilitação em Espanhol, graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e integrante do PET Letras desde abril de 2020.

Maria Eduarda Savini Inês, 20 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e integrante do grupo PET Letras desde o início de 2018.

Fernanda de Carvalho Silva, 23 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal- MG e integrante do grupo PET Letras desde 2019.

Mariane de Brito Paschoal, 24 anos, estudante de letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e foi integrante do grupo PET de 2018 a 2020.

Thais de Oliveira Barros, 22 anos, estudante de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Unifal-MG e foi integrante do grupo PET Letras de 2018 a 2020.

Sobre a Tutora

Katia Aparecida da Silva Oliveira é professora de Literaturas da Espanha na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) desde 2010. É doutora (UNESP-Assis, 2016) e mestra em Letras (USP, 2008), graduada em Letras com habilitação em Espanhol e em Português (USP, 2005). Atua também como docente no Mestrado Profissional em História Ibérica da UNIFAL-MG e é editora da Revista (Entre Parênteses) desde 2016. Desenvolve pesquisas relacionadas às Literaturas da Espanha, com foco especial em dois temas: história, memória e literatura, e literatura de autoria feminina.

É tutora do PET Letras desde 2017.